

Gravidez na Adolescência e Sexualidade

Uma conversa franca com educadores e educadoras

1ª versão - 2008



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL – IMS
PROGRAMA EM GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE
CENTRO LATINO AMERICANO EM SEXUALIDADE E
DIREITOS HUMANOS – CLAM

Endereço: R. São Francisco Xavier, 524,
Pavilhão João Lyra Filho, 6º andar, Bl. E
CEP:20550-013 - Rio de Janeiro - RJ
Brasil - tel: (21)2568-0599
E-mail: sexgen@uerj.br
Site: www.clam.org.br

REDEH – REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Endereço: Rua Álvaro Alvim, 21/16º andar
Centro - CEP 20031-010
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: 55-21-2262-1704
E-mail: redeg@redeg.org.br
Site: www.redeg.org.br

Coordenação Editorial
Maria Luiza Heilborn

Coordenação Executiva
Schuma Schumacher

Conteúdo Científico
Maria Luiza Heilborn, João
Francisco de Lemos, Cristiane S.
Cabral, Elaine Reis Brandão

Leitura Crítica
Leila Araújo; Rachel Aisengart
Menezes

Texto Didático-pedagógico
Paulo Corrêa Barbosa

Design
Bete Esteves – Complexo D

Assistente de design
Violeta dos Campos - Complexo D

Material oriundo da Pesquisa GRAVAD "Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil"

FICHA CATALOGRÁFICA

6777

Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras/Maria Luiza Heilborn ... [et al]. - Rio de Janeiro : CEPESC/REDEH, 2008.

48p. Il.

ISBN 978-85-89737-09-8

Material oriundo da Pesquisa GRAVAD "Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil. (IMS/UERJ), ISC/UFBA, NUPACS/UFRGS).

1. Gravidez na adolescência. 2. Brasil. 3. Gênero. 4. Educação em sexualidade.
I. Heilborn, Maria Luiza. II. Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. III. Rede de Desenvolvimento Humano. IV Título.

Ficha catalográfica - Sandra Infurna - CRB-7 4607



Prezado/a Professor/a

Não dá para fechar os olhos. A questão está aí, por todos os lados. Tanto dentro, quanto fora da escola, a gravidez na adolescência é, de fato, uma realidade.

Sobre isso, queremos conversar com você. Contudo, antes de iniciar nosso bate-papo é importante destacar dois aspectos, pontos centrais desse material que tem em mão. O primeiro relaciona-se ao fato de que não temos aqui a intenção de lhe apresentar um manual, um "receituário mágico" sobre como tratar do assunto em sala de aula. Isso porque, tanto quanto você, desacreditamos das propostas que assim se apresentam. Nosso convite é para uma **reflexão conjunta**.

E, quanto ao segundo ponto, é importante dizer que os dados aqui apresentados são resultados da pesquisa Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil (Gravad), desenvolvida por três universidades (IMS/UERJ, ISC/UFBA e NUPACS/UFRGS)¹. Realizada em 2002, ouviu 4.634 jovens, de diferentes segmentos sociais e econômicos, em três importantes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

Na própria pele...

Em relação à pesquisa, saiba professor/a, que quase 1/3 dos/as entrevistados/as passaram pela experiência da gravidez na adolescência.

¹ IMS/UERJ - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
ISC/UFBA - Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia;
NUPACS/UFRGS - Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Escola, um importante espaço para a abordagem da questão. Mas não o único!

Falar sobre sexo e sexualidade na escola, apesar dos avanços experimentados nos últimos anos, não é ainda tão comum e simples. Muitas e diferentes resistências se apresentam, concorda? Por extensão, também torna-se complexa a abordagem da gravidez na adolescência. Não é tarefa fácil, e sabemos disso.

Aliás, em relação à gravidez, o trato da questão pressupõe ações integradas, nunca isoladas, exigindo portanto, articulação conjunta dos diferentes canais sociais. Acredite: fugimos, igualmente, daquela visão ingênua de que cabe apenas à educação a solução de todos os problemas sociais – enraizados de longa data – na sociedade brasileira.

Na verdade, falar da sexualidade implica repensar preconceitos, quebrar velhos paradigmas e, sobretudo, superar hipocrisias presentes há muito tempo. Contudo, professor/a, de uma coisa tanto nós como você temos certeza: o silêncio, o preconceito ou a indiferença social são as maiores dificuldades no diálogo entre pais, responsáveis, professores e os jovens.

Assim, embora seja um desafio comum a toda a sociedade brasileira, o assunto encontra na escola, por seu papel e clientela a qual se destina, espaço privilegiado para reflexão.

Esteja certo/a de que ao lhe apresentar tal afirmativa, de uma escola comprometida com a qualidade de sua ação pedagógica e preocupada com a construção da cidadania, não desconsideramos os problemas – de todos os tipos e que não são poucos, diga-se de passagem – que configuram nosso quadro educacional.

O que defendemos é a importância do espaço escolar, instituição da sociedade propagadora de valores e conhecimentos, configurar-se e fortalecer-se como canal de reflexão sobre as responsabilidades que envolvem a sexualidade e, por consequência, métodos contraceptivos, gravidez, aborto, Aids e prevenção de outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Afinal, a escola é um lugar privilegiado para os primeiros encontros, primeiros namoros, primeiros amores. Olhar com intolerância para esse fato real é perder a grande oportunidade de participar da formação dos jovens a partir de uma nova perspectiva.



É o/a educador/a nessa história?

Abrir portas e janelas da sala de aula e da escola para o assunto da gravidez na adolescência é mais que apenas falar da questão.

Na verdade, para uma abordagem sem preconceitos e contextualizada com o momento em que vivemos, dois aspectos são indispensáveis, repare...

O primeiro deles, relaciona-se ao domínio do assunto que nós, professores/as, temos e/ou sentimos necessidade de buscar/aprofundar. Esse comprometimento com a fundamentação teórica é também compromisso com o que chamamos de função social do(a) educador(a), no engajamento por uma sociedade mais justa.

Já o segundo aspecto, que não pode ser desconsiderado, relaciona-se ao fato de que muitos/as de nós ficamos pouco à vontade e, algumas vezes, até preocupados em abordar assuntos íntimos, seja por vergonha ou receio da reação das famílias dos/as alunos/as. A questão é que, assim agindo, abrimos mão tanto das possibilidades que a nós se apresentam, bem como de uma parcela de nossa responsabilidade como educadores/as.

Convidando-o/a para essa reflexão – ao mesmo tempo em que individual, também coletiva, com os/as demais educadores/as e com a turma –, e abordagem no espaço escolar sobre a vivência da sexualidade na adolescência e juventude, lhe apresentamos esse material, no qual sua participação e envolvimento são fundamentais. Convite aceito? Mãos à obra, então!

Para começar, o que acha de pensarmos juntos sobre quem são os/as adolescentes e jovens? Conhecê-los é essencial para uma aproximação que propicie o debate sobre sexualidade.

É necessário estar atento às mudanças sociais que acontecem nesta etapa da vida que os adolescentes atravessam, na qual a escola – e também a família, os serviços de saúde e os projetos sociais/culturais de ONGs, para citar alguns exemplos – têm importante papel. Repare que falamos do que acontece no momento em que meninos e meninas saem da infância e, por isso mesmo, é fundamental conhecer os aspectos que envolvem a juventude, ou melhor, "as juventudes" – assim mesmo, no plural.



Começando do começo.

Quando mudam os corpos e as cabeças...

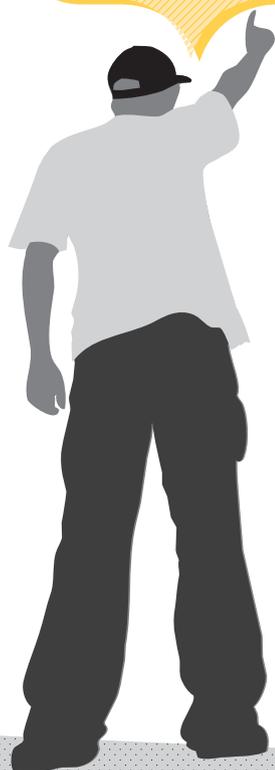
As transformações físicas que ocorrem nessa fase da vida geralmente são apontadas como o principal acontecimento experimentado. Decorrentes de processos biológicos – a primeira menstruação, crescimento dos seios, pêlos, aumento do pênis e testículos, dentre outras – são mudanças marcantes para a maioria dos adolescentes. Contudo, é preciso estar atento que não apenas os hormônios identificam a puberdade e adolescência. É um estágio perpassado por conflitos, dúvidas, inquietações. É um momento de mutação, de oportunidades, de entender que o crescimento faz parte dos ciclos da vida, de começar a pensar em que carreira profissional gostaria de seguir, de se apaixonar e, também de perigos: drogas, violência e sexo sem prevenção.

De fato, é difícil saber, com exatidão, quando termina a infância e começa a adolescência, ou mesmo, quando a fase adulta se inicia. Muitos livros e manuais determinam faixas de idade como marcas dessas etapas. É o "indicador oficial" utilizado para realizar pesquisas, formular políticas públicas e definir legislação específica.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, entende por adolescente a população que se encontra entre 10 e 19 anos. Contudo, é possível encontrar outras interpretações que "amarram" como jovens aqueles/as entre os 15 e 24 anos, classificação que, mais recentemente, tem sido ampliada até os 29 anos.

SOBRE A ADOLESCÊNCIA...

"(...) FASE DIFÍCIL ESSA (...) NÃO SOU MAIS CRIANÇA PARA UMAS COISAS E NEM ADULTO O SUFICIENTE PARA OUTRAS (...). O QUE SOU EU ENTÃO?"



O fato é que, dependendo de cada país e do critério de classificação, a identificação das idades que compreendem a juventude pode variar, evidenciando então, que se configura muito mais enquanto categoria cultural, incluindo ainda, o desenvolvimento pessoal e social, no qual além dos fatores culturais, também aqueles históricos, econômicos, dentre outros, determinam experiências de vida. Você já parou para pensar sobre isso, professor/a?

Resumindo: podemos afirmar que se informações sobre mudanças corporais são fundamentais para organizar nosso conhecimento a respeito dos jovens, devemos estar atentos também para as outras variáveis que influenciam esta etapa da vida. Certamente, as mudanças físicas são de fato mais perceptíveis, mas o modo como meninas e meninos vão vivenciar essa experiência relaciona-se diretamente ao seu próprio mundo social.

Transformações físicas idênticas.

Diferenças culturais...

Utilizando nossa própria experiência de vida e olhando através do tempo, não é difícil admitir a idéia de que ser jovem é um momento da vida que vem, ao longo da história da humanidade, sofrendo transformações nas sociedades. Mais que isso, pode apresentar variações, inclusive num mesmo momento histórico, no interior de um mesmo país ou região.

Chamamos a isso de diferenças culturais e resultam de inúmeros fatores, como as divisões de trabalho e renda, diferenças de tradições históricas, étnicas/raciais, políticas, econômicas, religiosas, valores, e do modo como entendemos os comportamentos de homens e mulheres, isso só para mencionar algumas. Acabam por influenciar o modo como vivemos e percebemos as coisas, e também aquele como sentimos e nos relacionamos com o mundo.

Estar atento e pensar sobre isso é fundamental para entendermos que os jovens de hoje são diferentes não apenas entre si, mas ainda, daqueles de gerações anteriores. Um bom exercício para isso é "viajar" no passado até o tempo de nossos avós. Pare e pense quantos comportamentos seriam identificados como radicalmente diferentes dos nossos? Rapazes e moças daquela época viviam de outra forma, possuíam outros hábitos e valores. O convívio entre jovens e crianças com suas famílias era orientado por outras regras de comportamento entre pais e filhos.

Também as escolas eram muito diferentes nas décadas passadas e era comum haver colégios exclusivos para cada sexo, criando regras estritas de contato entre meninos e meninas. Certamente, as relações entre professores/as e alunos/as mudaram muito, houve um redimensionamento da autoridade do/a professor/a, propiciando que atualmente – embora existam exceções, é verdade – haja mais espaço e liberdade para abordar assuntos antes considerados impróprios ou "tabus".

Pois é, a história comprova que os jovens se apresentam de formas diferentes ao longo do tempo e, mais importante que compará-los, é observar os contextos próprios de cada momento. Um bom exemplo sobre isso seriam os livros e filmes que retratam a importância das revoluções políticas da década de 1960, centrais para a sociedade contemporânea, na qual rapazes e moças participaram de forma bastante significativa. Estes movimentos sociais influenciaram uma ampla revisão de valores e costumes, de quebra de paradigmas. Naquela época, os movimentos estudantis, que se organizavam para realizar protestos de forte repercussão política, reuniam um número expressivo de jovens e muitos comportamentos foram contestados por movimentos mundiais. Dentre



eles, destacam-se o movimento hippie e o feminismo, que evidenciou as desigualdades existentes entre os sexos, reivindicando o fim das discriminações e a efetivação plena dos direitos das mulheres.

Tão significativo foi esse tempo, que atualmente é comum o argumento de que os/as jovens já não se interessam tanto "pela política" como nos idos de 1960. No entanto, sabemos que vivem outra realidade social, marcada por transformações globais em um mundo cada vez mais heterogêneo, fortemente influenciado pela mídia e pela intensa difusão da informação virtual, nas quais as identidades sociais são forjadas. Contudo, não devemos esquecer que questões relacionadas ao meio ambiente, violência, cidadania e sexualidade, por exemplo, são pautas políticas que envolvem e mobilizam rapazes e moças.

Ainda as diferenças culturais. "Aprendendo" a ser homem ou mulher...

Avançando na reflexão é igualmente importante considerar as diferenças existentes – ontem e hoje – em nossa cultura, que influenciam o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade. Na verdade, falamos agora professor/a, das marcas de gênero que, em conjunto com os cuidados relativos à contracepção e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), são temas fundamentais na abordagem da sexualidade.

Repare que desde crianças, meninos e meninas são educados para seguir tendências diferentes, o que pode ser fator decisivo no futuro, na opção e definição da vida profissional. Quando destacamos essa questão, não ignoramos os avanços e mudanças das últimas décadas, na posição social das mulheres em diferentes campos, com a conquista de espaços anteriormente restritos a eles.

Contudo, sem exageros, podemos afirmar que o Brasil ainda é um país com acentuadas diferenças de gênero e um dos maiores exemplos disso é o mercado de trabalho. Muitas vezes, mulheres ocupam cargos semelhantes, com responsabilidades idênticas a dos homens, só que recebendo um salário inferior. Sabemos também que, em casos extremos – embora infelizmente mais comuns do que pensamos – homens se sentem socialmente legitimados, por diferentes motivos, a valer-se da força física para agressão a mulheres. É essa é apenas uma das várias formas como se apresenta aquilo a que chamamos de violência de gênero.



OLHO NA TELA

Alguns filmes retratam a participação e a contestação dos jovens ao longo da história... Hair, 1968 o ano que não acabou etc.

Essas diferenças de gênero, que se expressam na divisão de comportamentos e nas relações de poder entre os sexos, produzem diferentes posturas diante da sexualidade. Alguns padrões de comportamento feminino desestimulam, por exemplo, que elas tomem a iniciativa de exigir dos parceiros o uso de preservativos. Do mesmo modo, alguns padrões de comportamento masculino não incentivam os rapazes a conversar com suas parceiras sobre métodos contraceptivos, eximindo-os desta responsabilidade. Por isso, ao abordar com os/as jovens a questão das relações igualitárias entre homens e mulheres, é importante criar situações que possibilitem reflexão e evidenciem que a proteção no ato sexual, bem como a decisão sobre o método contraceptivo a ser utilizado é um direito e uma responsabilidade de ambos. O aprendizado deste diálogo, favorecido pela escola, pode ser um importante passo na direção da cidadania juvenil. O convívio com o outro, de forma mais integrada, pode estimular uma relação de respeito e de amor à própria vida e a do/a parceiro/a.

MULHERES RECEBEM O EQUIVALENTE A 70% DO RENDIMENTO DOS HOMENS, APONTA IBGE

SÃO PAULO - Comparando a média anual dos rendimentos dos homens e das mulheres no ano passado, verifica-se que as brasileiras recebiam, em média, 70% do valor dos trabalhadores do sexo masculino, de acordo com pesquisa divulgada nesta quinta-feira (24) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Em 2007, enquanto os homens ganhavam em torno de R\$ 1.314,43, as mulheres recebiam R\$ 927,09. Na comparação anual, o rendimento médio mensal dos trabalhadores do sexo masculino cresceu 3,3%, mesmo percentual das mulheres.

Recife, Rio de Janeiro e São Paulo tiveram variações do rendimento das mulheres, de 2006 para 2007, superiores às dos homens e, em Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre, deu-se o contrário.

RENDE GERAL - No geral, o rendimento médio real da população era de R\$ 1.141,92 no segundo semestre de 2007, o que significa 4,9% a menos do que no mesmo período de 2002, quando a média era de R\$ 1.200,19.

No entanto, segundo o IBGE, apesar da visível recuperação do rendimento da população

ocupada nos últimos três anos, ainda não foi retomado o poder de compra do rendimento do trabalho da população em relação ao ano de 2002 nas regiões metropolitanas investigadas.

SETORES - Entre 2003 e 2007, o rendimento dos trabalhadores aumentou em todos os segmentos analisados, com destaque para serviços domésticos (15,9%) e indústria extrativa, de transformação e distribuição de eletricidade, gás e água (11,9%).

No primeiro caso, as maiores altas foram verificadas em Recife e Salvador, 25,6% cada. Já no segundo, a alta no rendimento foi maior no Rio de Janeiro (16,6% e em Belo Horizonte (15,1%).

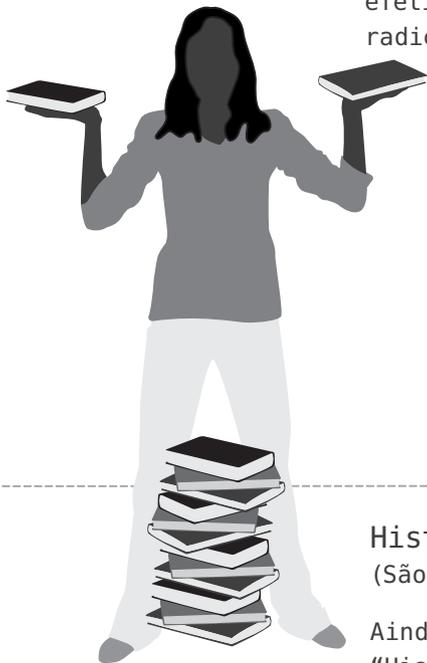
Por outro lado, o setor da construção, cujo aumento geral foi de 7,1% entre 2003 e 2007, apresentou queda no rendimento em Recife (-15,2%) e Salvador (-15,1%). Nos mesmos lugares, também houve redução, de -0,6% e -1%, respectivamente, no segmento de serviços prestados à empresa, aluguéis, atividades imobiliárias e intermediação financeira.

<http://economia.uol.com.br/ultnot/infomoney/2008/01/24ult4040u9495.jhtm>
capturado em 24-01-08

Para saber mais sobre a juventude através da história...

História social da criança e da família - Philippe Ariès
(Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1978)

Um livro que ajuda a compreender as transformações sociais que produziram a noção de juventude é o clássico estudo de Philippe Ariès "História social da criança e da família". Apesar de focar o tema da infância nos séculos que compreendem as idades média e moderna, esta obra defende a ideia de uma construção social das idades. O livro demonstra a emergência gradual de sensibilidades e percepções sobre o que é ser criança, em um processo produzido ao longo de séculos. Ariès mostra que na idade média europeia as crianças simplesmente não eram retratadas em imagens com a mesma intensidade com que passaram a ser nos primeiros tempos da idade moderna. As primeiras pinturas de crianças tendiam a retratá-las como adultos em miniatura. Este olhar sobre a infância será profundamente transformado e acompanhado por uma ampla variedade de cuidados especiais, aparatos como roupas e brinquedos que, efetivamente, vão definir uma noção de infância como um mundo radicalmente diferenciado dos adultos.



História dos Jovens
(São Paulo, Companhia das Letras, 1996)

Ainda sobre a questão da juventude: vale a pena pesquisar a coleção "História dos Jovens", que reúne diversos textos de pesquisas sobre este grupo populacional e sua inserção em diferentes contextos históricos e sociais. O livro demonstra que as formas pelas quais a juventude de uma determinada época assume uma face pública são absolutamente condicionadas por fatores políticos, econômicos e culturais. Tudo isto confirma a ideia de que não é possível compreender os jovens sem levar em conta seu contexto social, e que as identidades dos jovens e seus comportamentos mudam constantemente, de acordo com o tempo e a sociedade em que vivem.

07/03/2008 - 10H03

IBGE: NO MERCADO DE TRABALHO, PERMANECE A DESIGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES

Um estudo divulgado nesta sexta-feira pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para lembrar o Dia Internacional da Mulher revela que, no mercado de trabalho, prevalece a desigualdade de gêneros.

A instituição apresentou um balanço de sua Pesquisa Mensal de Emprego, realizada em seis grandes capitais: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os dados colhidos entre janeiro de 2003 e janeiro de 2008 revelam que, no campo profissional, as mulheres ainda estão em desvantagem diante dos homens.

Embora sejam a maioria da população adulta brasileira e apresentem níveis crescentes de ocupação, as mulheres têm menor inserção no mercado. Em janeiro deste ano, nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, havia 21,2 milhões de pessoas trabalhando. Dessas, 9,4 milhões eram mulheres. Ou seja: embora representem 53,5% da população brasileira em idade economicamente ativa, elas ocupam somente 44,4% dos postos de trabalho.

Já no quesito desemprego, por exemplo, elas são maioria. Entre o total de desempregados nas regiões metropolitanas pesquisadas, há 1 milhão de mulheres, contra 779 mil homens na mesma situação.

Segundo análise do IBGE, quando o contexto é mercado de trabalho, todos os indicadores mostram que as mulheres estão em um patamar inferior ao dos homens. Uma trabalhadora brasileira recebe em média

R\$ 956,80 por mês por uma jornada de 40 horas semanais. O valor representa 71,3% do que um homem recebe pelo mesmo trabalho.

No que se refere a trabalho formal, a desigualdade persiste. Em janeiro, entre as mulheres ocupadas, 37,8% tinham carteira assinada em empresa do setor privado. Entre os homens, o índice era de 48,6%.

Em termos regionais, a maior concentração de mulheres ocupadas com carteira assinada está na região metropolitana de Porto Alegre (42,4%). Em Salvador, a maioria das mulheres com carteira assinada são empregadas domésticas (18,9%).

A pesquisa revela que, considerando a população economicamente ativa das seis regiões metropolitanas, apenas 3% das mulheres se encaixam na categoria empregador.

Já no quesito escolaridade, elas têm se destacado. De acordo com o estudo do IBGE, de 2003 a 2008, o percentual de trabalhadoras com Ensino Médio completo aumentou de 51,3% para 59,9%. Entre os homens, no mesmo período, o índice aumentou de 41,9% para 51,9%.

Mas a maior escolaridade não é garantia de melhores condições de emprego para elas. Segundo o estudo, a diferença de rendimentos entre os gêneros é ainda maior nas classes mais escolarizadas. Uma mulher com curso superior tem salário em média 40% inferior ao de um homem na mesma função.

Adaptado de:

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/03/07/ult23u1398.jhtm> | 07/03/2008 - 10h03

Gêneros diferentes, porém complementares...

Como vimos anteriormente, diferentemente de sexo, que se refere às características anatômicas, o conceito de gênero se refere ao conjunto de fatores socioculturais atribuídos aos corpos, que estabelecem – de maneira arbitrária – a idéia de masculino e feminino. Relaciona-se diretamente aos comportamentos e significados que indicam o que é ser homem ou ser mulher, definidos por cada sociedade, em determinado momento histórico.

A perspectiva das Ciências Sociais enfatiza que as identidades masculina e feminina são construções culturais produzidas sobre os corpos e orientam as classificações das pessoas, assim como classe social e raça/etnia. Essa abordagem, centrada na categoria de gênero, permite refletir sobre as relações de poder "camufladas", fruto de contextos históricos de dominação, atualizados ao longo do tempo, e indica possibilidades de mudar injustiças e desigualdades para a construção de um horizonte igualitário na relação entre homens e mulheres.



Gênero



“O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero.”

(Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-P.321-322). 

A questão escola adentro...

No que se relaciona à internalização referente às construções de gênero, sabemos que acontece desde muito cedo, lá na infância. Embora a escola não seja a única agência social a colaborar na formação do gênero, pois também os pais, a religião, a mídia e familiares, dentre outros, atuam no sentido de ensinar as crianças o que é "ser e agir como mulher ou homem", o ambiente escolar reveste-se de importância especial na divisão entre os comportamentos "esperados" de meninas e meninos.

Veja que esse "reforço" não acontece apenas por intermédio de nossa fala e atitudes em sala de aula: "Isso lá é coisa de menina?" ou "Menino não brinca disso...". Encontra-se fortemente presente ainda na forma como o conteúdo apresentado pela maioria dos livros didáticos é tratado por nós junto aos alunos/as. Como exemplo, queremos lhe perguntar: quantos livros você conhece que ao tratar de profissões, apresenta o homem também como "dono" de casa? E quanto às mulheres que se destacaram na história do Brasil? Quais as que estão nos livros? Quantos/as de nós já escutou falar de Inês de Souza e sua brava resistência aos corsários franceses, quando de sua tentativa de invasão ao Rio de Janeiro? Pois é! E assim a discriminação de gênero vai se perpetuando pela vida a fora.

O que quer dizer a escola quando se cala?

Não apenas a questão de gênero é silenciada pela escola como você bem sabe. O mesmo tratamento é dado a tudo aquilo que se relaciona à sexualidade, apesar da impressão de liberalidade, do assunto estar constantemente presente, "espalhado" por todos os segmentos sociais e amplamente abordado - e "explorado" - pelos diferentes canais de comunicação.

Apesar das muitas transformações ocorridas em nossa sociedade em relação aos costumes sexuais, vivemos uma situação contraditória: falar de sexo pode, desde que não seja dentro de casa, nas salas de aula e, menos ainda, na alçada das instituições religiosas. Tudo bem que existem exceções, mas elas ainda são isso: exceções.

Como exemplo, podemos citar o fato de que a virgindade feminina já não tem a mesma importância de décadas atrás e, ainda, que pesquisas nacionais indicam que meninas iniciam-se sexualmente bem próximo à faixa etária experimentada pelos meninos. Apesar disso, a prática do "silêncio" tem sido adotada também nesses "assuntos", como a melhor política para enfrentamento da realidade.

Assim, por tudo que conversamos até aqui, defendemos ser a escola, apesar dos muitos problemas que enfrenta, espaço privilegiado para convidar os jovens a refletir sobre projetos de vida, facilitando que estabeleçam vínculos que os estimulem a buscar formas de realização pessoal, que não passem unicamente pela maternidade ou paternidade na adolescência, ou então, que não seja empecilho quando se torna um fato consumado.

Na verdade, tenha como público-alvo crianças, adolescentes, jovens ou adultos, um espaço destinado à educação é, ou deveria ser, sempre um espaço vivo, vibrante e diretamente relacionado à vida.

Lógico que o assunto é complexo, extenso e que não há uma fórmula mágica para o trato da questão, mas articular realidade e conhecimento científico é uma das funções dessa agência na qual atuamos.

Por sua abrangência, a escola não pode "largar de mão" a produtiva parceria que pode estabelecer articulando alunas/os, famílias e comunidade também nas discussões relacionadas à gravidez na adolescência, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis.

Optar pela construção de uma prática pedagógica centrada na valorização das formas de expressão das/os alunas/os, ouvindo seus sonhos e frustrações, condições para que se sintam mais seguros no que se à sexualidade, relacionamentos afetivos, métodos contraceptivos e de proteção das DSTs, não é tarefa fácil, porém ! O que pensa sobre isso, professor/a?



Uma mulher chamada Inês de Souza...

Portuguesa, mulher do governador da capitania do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá, foi responsável pela defesa da cidade durante um ataque de corsários franceses. Na ausência do marido, que se encontrava fora da cidade, Inês fez as mulheres se vestirem com armaduras masculinas e simularem manobras de defesa na praia. Conta a história que os invasores desistiram da tentativa, se contentando em extrair pau-brasil do litoral.

Adaptado de Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade. Schumacher, Schuma e Brasil, Érico Vital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora.,2000.

O QUE VOCÊ FARIA NESTE CASO?

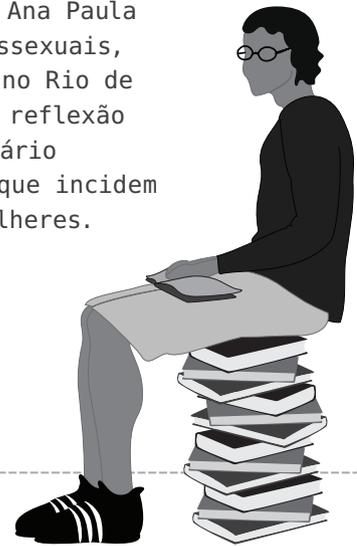
"...NA MINHA SALA TINHA UM RAPAZ (...) DE VIA TER UNS QUINZE ANOS (...) QUE USAVA ROUPAS FEMININAS, AGIA COMO SE FOSSE MULHER (...) E SE RECUSAVA A RESPONDER, NA HORA DA CHAMADA, QUANDO ERA CHAMADO PELO "NOME DE HOMEM" QUE CONSTAVA NA PAUTA (...) SÓ QUERIA SER TRATADO POR CLÁUDIA, NOME QUE ADOTOU (...)".

DEPOIMENTO DE EDUCADORA DO ENSINO FUNDAMENTAL.

“Família e Sexualidade”

(Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004)

Domínios pautados por regras, constrangimentos e moralidades que definem comportamentos e práticas, o debate sobre família e sexualidade incita novas discussões, a partir das transformações que resultam de múltiplos fatores, como o legado das reivindicações feministas, as diferenças entre homens e mulheres, as possibilidades de exercício da sexualidade independente do matrimônio, o aparecimento de novos modelos de conjugalidade, entre outros. Neste livro, organizado pela antropóloga Maria Luiza Heilborn, Tania Salem analisa as visões que homens populares formulam sobre gênero e sexualidade, mostrando como a perspectiva masculina de um segmento social específico dá sentido aos comportamentos referidos a homens e mulheres. Elaine Brandão discute a iniciação sexual de jovens de classe média, ressaltando a tensão entre a liberdade dos jovens e o controle exercido pelos pais. Ana Paula Uziel explora a reivindicação da parentalidade por casais homossexuais, a partir de pedidos de adoção encaminhados à Vara da Infância no Rio de Janeiro. Por fim, o sociólogo Michel Bozon tece uma abrangente reflexão sobre as alterações nas regras de conduta que despontam no cenário contemporâneo, destacando aspectos contraditórios dos modelos que incidem hoje sobre os percursos relativos à sexualidade de homens e mulheres.



“Sexualidade: o olhar das ciências sociais”

(Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1999)

Organizado pela antropóloga Maria Luiza Heilborn, o livro reúne artigos de pesquisadores que atuam no desenvolvimento dos estudos sobre sexualidade; considera-se a trajetória de formação deste campo de pesquisas. Ao identificar a sexualidade como um constructo cultural e histórico, relacionado à formação do próprio modelo de indivíduo nas sociedades modernas, as ciências sociais gradativamente abraçaram a hipótese de que a sexualidade é um domínio legítimo de investigações, como qualquer outro. O aporte antropológico forneceu novas perspectivas para contemplar a diversidade dos fenômenos relacionados à sexualidade. O livro está dividido em três partes: “Perspectivas de análise em antropologia” apresenta reflexões realizadas a partir desta disciplina, e sobre a própria constituição deste campo de estudos; “Sexualidade e Juventude” traz pesquisas sobre este grupo etário, mostrando dados sobre os jovens na França e nas favelas do Rio de Janeiro; “Sexualidade e HIV” amplia o entendimento sobre a epidemia de HIV/Aids, com pesquisas sobre a população bissexual e sobre as mudanças de comportamento ensejadas após o advento da Aids.

Quando o semelhante passa a ser considerado diferente

A noção de **diversidade sexual** refere-se à tentativa de abordar a pluralidade de identidades sexuais presentes em nossa sociedade. Trata-se de reconhecer que além da heterossexualidade, relações entre pessoas de sexos diferentes, hoje não podemos mais ignorar a existência de homens que se relacionam sexualmente com outros homens (gays) e de mulheres que têm relações sexuais com mulheres (lésbicas), ou ainda, de homens e mulheres que se relacionam com ambos os sexos (bissexuais). Na verdade, atentos/as à questão da diversidade sexual, somos levados/as a refletir mais detidamente sobre o fato de que a sexualidade é um aspecto da vida que pode abranger variadas formas e diferentes modos de relações. Como canta Gal Costa, em Dom de Iludir: "Cada um sabe a dor e a delícia de ser como é...".

Esta flexibilidade na orientação sexual se reflete na expressão de diversas manifestações de desejo, tais como os que se fazem representar na sigla GLBT, que além dos termos gays, lésbicas e bissexuais, ainda inclui os travestis (pessoas que se vestem como o sexo oposto) e transgêneros (pessoas que fazem ou querem fazer cirurgia para mudar seu sexo de nascimento).

Jovens rapazes que demonstram publicamente sua atração por outros rapazes, ou garotas que manifestam atração por outras garotas costumam ser alvo de inúmeras discriminações e preconceitos sociais, que incluem brincadeiras ofensivas, designações pejorativas, isolamento e até agressões físicas. A escola precisa estar atenta a este tipo de violência que, muitas vezes, acontece com consentimento dos próprios professores, tanto explicitamente, através das palavras ou ainda, implicitamente, quando nos calamos diante de situações que envolvem chacotas e xingamentos a alguns alunos/as pelos colegas, bem como por expressões e "risinhos" que acabam por reforçar o preconceito.

O relacionamento com pessoas do mesmo sexo é um dado que precisa ser reconhecido enquanto possibilidade de experimentação no desenvolvimento da sexualidade. No universo abordado pela pesquisa Gravad, cerca de 3,3% dos entrevistados/as destacam que se iniciaram sexualmente com jovens do mesmo sexo. Mas não se apresse, professor/a, a tirar conclusões definitivas. Saiba que pelo fato de terem experimentado esse tipo de relação não significa que tenham "se tornado" gays ou lésbicas. O reconhecimento dessa experiência pelos entrevistados/as, contudo, demonstra sua possibilidade e, mais que isso, contribui para a diminuição de preconceitos.



É como você e seus colegas vêm tratando da questão aí na escola? A utilização de matérias de jornais e revistas, letras de músicas e as atividades esportivas são exemplos de situações das quais você pode lançar mão para a abordagem da questão, e não apenas com alunos/as, mas também como reflexão junto aos demais educadores/as, familiares e comunidade. Como idéia do que tratamos aqui, destacamos a matéria de jornal que aparece na página 18. Repare...

É POR FALAR EM PRECONCEITOS...

Não é só nas novelas que se multiplicam os romances de mulheres mais velhas com homens mais novos. Pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgada hoje revela que, em uma década, cresceu 36% o número casais em que a mulher tem idade superior à do companheiro. De 1996 a 2006, essas uniões passaram de 5,6 milhões para 7,6 milhões.

Adaptado de <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/03/07/ult23u1395.jhtm>



A pesquisa Juventudes e Sexualidades (2004), realizada pela Unesco em catorze capitais brasileiras, tendo como público alvo alunos/as do ensino fundamental, professores/as e responsáveis, evidencia que mais de um terço desses últimos não gostaria que seus filhos tivessem homossexuais como colegas de classe. Em relação aos alunos/as, um quarto manifesta a mesma aversão... 

PARA REFLETIR



Conhecer a luta e organização travada nas últimas décadas, por homossexuais e lésbicas, no Brasil e no mundo é uma boa forma de conhecer e pensar sobre a questão. Igualmente importante é identificar e divulgar na escola, as instituições governamentais e da sociedade civil que tratam de denúncia e defesa dos direitos destes grupos.

Você, professor, já ouviu falar do Disque Defesa Homossexual? 

BEIJO ACABA NA JUSTIÇA

O caso dos rapazes transferidos do colégio por terem se beijado reabre a discussão sobre discriminação nas escolas

No dia 4 de agosto, os rapazes J.R.M, 14, e J.S.S., 17, alunos da 7ª série do período noturno, foram chamados à diretoria da Escola Estadual Desembargador André Vidal de Araújo, em Manaus (AM). Não suspeitavam de que aquela convocação mudaria suas vidas. "A orientadora pedagógica disse que seríamos transferidos do colégio por termos nos beijado na boca no corredor", relata J.S.S, que é gay assumido. "Falei que eles não poderiam fazer isso, pois era mentira. Somos apenas amigos, não namoramos. Pedi provas, e ela disse que isso era falta de ética", desabafa o adolescente.

A história ganhou espaço nos jornais e levantou uma discussão sobre discriminação nas escolas. Depois que os alunos procuraram a Associação Amazonense de Gays, Lésbicas e Travestis (AAGLT), para conhecer seus direitos, o diretor da escola, Erison Galvão, 42, mudou a história e disse que o motivo da transferência não foi o beijo, mas o número de faltas e a indisciplina dos estudantes.

"O beijo foi apenas a gota d'água. Eles já haviam sido advertidos e suspensos várias vezes por indisciplina. A transferência foi solicitada pela congregação de professores e alunos, face ao fato ocorrido", diz o diretor. J.S.S. rebate: "Há alunos que têm mais faltas que eu, notas abaixo da média, são bagunceiros e continuam na escola. Foi pura discriminação". A Folha solicitou à escola uma cópia do livro de frequência e dos registros de advertências e suspensões dos alunos, para comprovar a versão da direção, mas o pedido foi negado.

A Secretaria Estadual da Educação do Amazonas abriu uma sindicância para apurar os fatos. A última versão da escola, uma semana após a história ganhar divulgação na mídia, é que os dois rapazes teriam beijado dois outros rapazes, que não são alunos da escola. "Professores e alunos presenciaram a cena", diz Erison. Entre versões contraditórias e falta de provas, os alunos já estão há quase um mês sem frequentar a escola, pois se

recusam a aceitar a transferência. "Eu quero estudar na escola que escolhi. Sem falar que a escola para a qual fui transferido fica muito longe da minha casa", afirma J.S.S. Segundo o secretário da Educação do Amazonas, Vicente Nogueira, 48, foi o próprio rapaz que pediu para estudar longe de casa. "E, como ele já tem 17 anos e ainda está na 7ª série, escolhemos um curso supletivo, para que ele possa acelerar a educação escolar e recuperar o tempo perdido."

A advogada dos dois estudantes, Suely dos Santos Costa, 37, voluntária da AAGLT, disse quinta-feira que iria entrar com um mandado de segurança para que eles sejam reintegrados à escola. Segundo ela, J.S.S. foi suspenso apenas uma vez, por ter se recusado a sair da sala de aula porque estava sem livro. "Eu discuti com o professor e bati a porta violentamente", assume o aluno. Suely vai se utilizar do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. "A Constituição Federal proíbe todo tipo de preconceito", diz.

"Eles têm todo o direito de recorrer à Justiça, é uma característica do sistema democrático", diz o secretário da Educação. Ele reafirma que não há preconceito: "Não existe discriminação em razão da preferência sexual. Nos regimentos escolares, manifestações explícitas de intimidade são coibidas de maneira geral, mesmo entre casais heterossexuais".

Rebecca Saint-Laurent, 24, presidente em exercício da AAGLT, se revolta: "Como está a cabeça desses adolescentes? Eles são acusados de sujar a imagem do colégio. Enquanto o gay está calado aceitando as chacotas no corredor da escola, está tudo ótimo". J.S.S. diz que um funcionário da escola, responsável pela supervisão, agiu de forma preconceituosa: "Ele chamava a gente de bichas feias. Dos colegas, a gente ouve o de sempre: bicha, boiola, veado". É completa: "Sempre ignorei tudo isso, mas desta vez exageraram. Vou lutar até o final".

Augusto Pinheiro - da reportagem local

Colaborou Kátia Brasil, da Agência Folha, em Manaus. Folha de São Paulo, segunda-feira, 04 de setembro de 2000.

Encarando a questão da Gravidez na adolescência...

Para início de conversa, é bom lembrar que quando falamos de gravidez na adolescência nos referimos àquela que ocorre antes dos vinte anos, seja da moça ou do rapaz que engravida a sua parceira.

Geralmente, identificamos de imediato essa experiência como negativa. Contudo, refletir é preciso! Afinal, não devemos esquecer que, em alguns casos, ela também é fruto da opção do casal, o que, por sua vez, não diminui as responsabilidades e dificuldades, sobretudo financeiras, que os jovens irão enfrentar.

Mas, o que queremos mesmo dizer é que a gravidez na adolescência se configurará como problema quando além de não ter sido prevista, acaba repercutindo negativamente nos projetos de vida dos jovens pai e mãe, tornando ainda mais complexa a entrada no mundo do trabalho e o prosseguimento dos estudos. Como você sabe, professor/a, nesses casos, toda a família acaba por ser "convocada" a colaborar com a situação.

Como educadores/as, nos cabe compreender que, em tal situação, os jovens necessitam de apoio, respeito e muito diálogo. Mais que nunca é imprescindível diante dessa realidade evitar que tanto o rapaz como a moça venham a se tornar alvo de preconceitos e críticas. Esse tipo de tratamento contribui, muitas vezes, para a interrupção ou abandono dos estudos.

Aqui, considerando-se a inserção e articulação da escola com os demais serviços públicos presentes na comunidade e no bairro, os jovens devem ser encaminhados a postos de saúde e instituições que ofereçam o acompanhamento pré-natal e, sobretudo, à saúde da mulher.

Veja que extremamente importante é também estimulá-los a uma conversa franca com pais e responsáveis, e isso o mais rápido possível; afinal, eles é que na maioria das vezes poderão oferecer suporte material e afetivo, tão essencial aos futuros e jovens pais. Ou seja, na ausência de iniciativas por parte do poder público, cabe à família e aos amigos dar o apoio emocional e financeiro. Aliás, compreensão, carinho e atenção farão toda a diferença aqui, não é mesmo professor/a? É isso que pode ser decisivo para que o jovem permaneça na escola.

Imprescindível também é refletir com os jovens que cabe a ambos, tanto a ele como a ela, as decisões e a divisão das responsabilidades. Juntos, será mais fácil enfrentar as dificuldades que a gravidez pode apresentar.



Analizando a questão a partir da Pesquisa Gravada...

A análise dos resultados da pesquisa indica ser perfeitamente possível que os/as jovens se iniciem sexualmente, sem que isso necessariamente se traduza em gravidez não prevista. Na verdade, mais que isso, os resultados apontam para a importância do processo de informação (diferentes tipos) e manejo (como usá-los adequadamente) em relação aos métodos contraceptivos.

Para que você tenha uma idéia do que afirmamos aqui, destacamos alguns dos resultados da pesquisa. Comparando os números sobre a iniciação sexual dos jovens em Porto Alegre e Salvador, percebemos que na primeira cidade a idade mediana em que as jovens tiveram a primeira relação sexual é mais baixa do que nas outras cidades: a diferença é de quase um ano entre as moças do sul (17,2 anos) e do nordeste (18,4 anos). Apesar disso, é em Porto Alegre que encontramos o menor percentual de gravidez na adolescência (27,7% entre as moças e 18,4% entre os rapazes), o que nos permite concluir, portanto, que a iniciação sexual mais precoce não leva necessariamente à ocorrência de gravidez, tal como muitas vezes é suposto. Há outros fatores que interferem neste processo. Também lá, os dados apontam para uma maior escolaridade dos jovens e de suas mães e, para um maior diálogo existente nas famílias sobre temas que se relacionam à sexualidade, contraceptivos e gravidez. A proporção de jovens que consegue chegar ao nível superior de escolaridade é de duas a três vezes maior em Porto Alegre do que em Salvador. Não é de se estranhar, portanto, que a escola apareça como importante fonte de informação nos temas sobre gravidez e contracepção também na cidade do sul. Repare...

Distribuição dos jovens de 18 a 24 anos quanto a idade mediana da iniciação sexual, proporção de gravidez antes dos 20 anos, fontes de informação sobre gravidez/contracepção, frequência à escola e nível de escolaridade

VARIÁVEIS SELECIONADAS		MULHERES			HOMENS		
		Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador
Idade mediana* da iniciação sexual		17,2	17,8	18,4	16,2	16,1	16,4
Prevalência de gravidez antes dos 20 anos		27,7%	29,0%	31,3%	18,4%	20,6%	24,5%
Primeiras fontes de informação sobre gravidez/contracepção	Mãe	57%	47%	36%	45%	42%	30%
	Escola	38%	34%	31%	38%	33%	29%
Jovens freqüentando a escola à época da entrevista		48,2%	43,3%	44,1%	44,9%	41,2%	46,5%
Nível escolar dos jovens (20-24 anos)	Fundamental incompleto	14,6%	18,4%	20,6%	20,0%	22,4%	28,9%
	Fundamental completo	18,6%	18,4%	25,6%	19,5%	26,4%	25,4%
	Médio completo	29,6%	33,0%	9,5%	29,1%	29,2%	27,9%
	Superior (inc/completo)	37,2%	30,2%	14,3%	31,4%	22,0%	12,5%

FONTE: Pesquisa Gravada, 2002.

POPULAÇÃO: Jovens de 18 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).

* Idade mediana refere-se a idade na qual metade das pessoas entrevistadas conheceram o evento em questão.



Diante disso, encontramos elementos importantes para pensar como a trajetória escolar e a gravidez na adolescência se relacionam. Constatamos que as mulheres jovens com gravidez antes dos 20 anos são provenientes de meios sociais mais desfavorecidos, possuem baixa escolaridade em grande parte dos casos, utilizaram menos freqüentemente proteção na primeira relação sexual e estabelecem uniões (com parceiros geralmente mais velhos do que elas) também mais cedo. Situação diferente daquela vivenciada por moças com maior nível de escolaridade: idades mais elevadas para o início da vida sexual e estabelecimento de parcerias. Ou seja, maior tempo freqüentando a escola, mais expostas a informações sobre contracepção e gravidez.

Sabemos que a trajetória escolar dos jovens no Brasil, na maioria das vezes, apresenta dificuldades, muitas das quais antecedem a gravidez. A pesquisa Gravad registrou interrupções e defasagem entre idade e série. A proporção de trajetórias irregulares é bastante alta, próximo a 70% entre as mulheres e 76% entre os homens. Jovens com menor renda mensal familiar, jovens negros e aqueles cujas mães possuem baixa escolaridade são os que encontram mais obstáculos para continuar os estudos.

PARA
REFLETIR

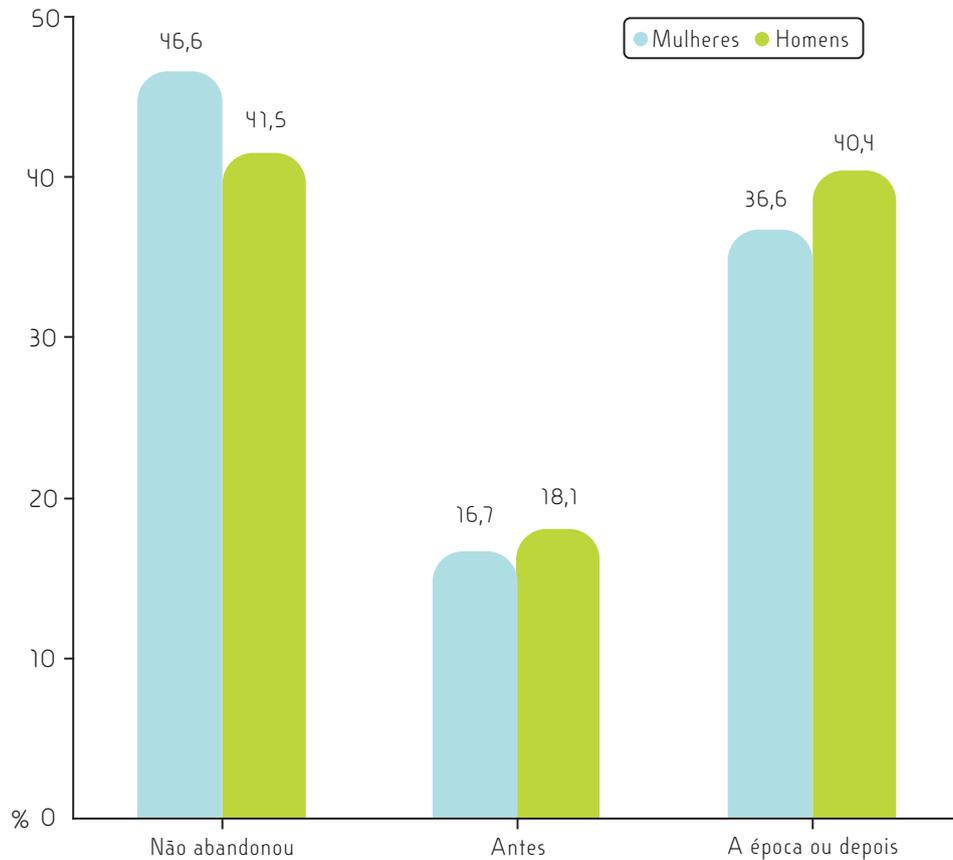


(...) a partir das informações apresentadas pela pesquisa, é possível concluir que a maior escolarização e o diálogo com pais/responsáveis ou mesmo com pessoas de referência, como educadores/as são importantes fatores que contribuem para a menor ocorrência de casos de uma gravidez não prevista na adolescência. 



Também o gênero é importante fator de diferença na vida dos jovens. Rapazes começam a trabalhar mais cedo, e acabam por abandonar a sala de aula. No caso das moças, gravidez e filhos foram apontados como os principais motivos. Repare, a seguir, outras justificativas que também levam os jovens à evasão escolar.

Abandono escolar entre jovens que referiram gravidez antes dos 20 anos e sexo



FONTE: Pesquisa GRAVAD, 2002.

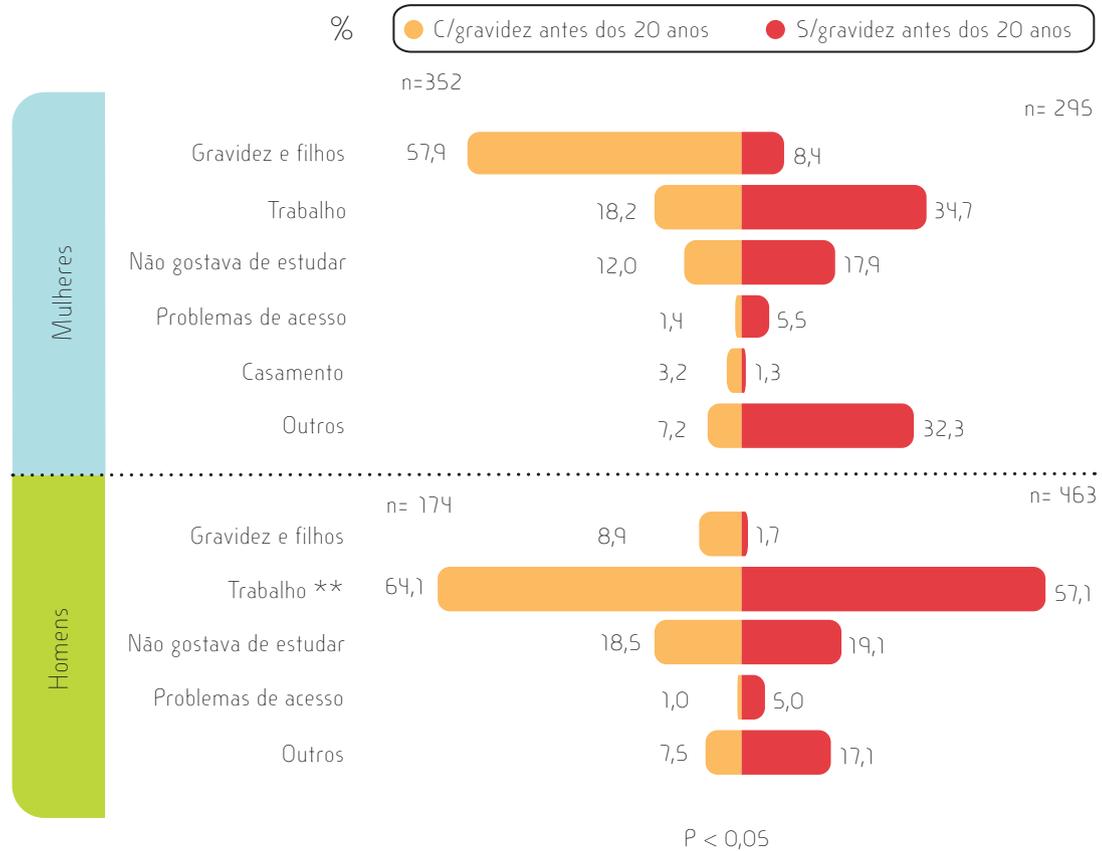
POPULAÇÃO: Jovens de 18 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).

Gráfico oriundo do artigo de Almeida et al. (2006).

"EU TAVA PRA PASSAR PRA QUINTA... NA ÚLTIMA PROVA TEVE UMA BRIGA LÁ DO MEU PAI COM A MINHA MÃE, CHEGUEI LÁ NA SALA DE AULA NÃO CONSEGUI FAZER NADA! SABE O QUE É UM BRANCO? EU PEGUEI E BOTEI O NOME NAS PROVA TODA, NÃO CONSEGUI FAZER NEM UMA CONTA! AI EU BOTEI NOME NAS PROVAS TODA E ENTREGUEI! AI O MEU PAI TAMBÉM NÃO ME DAVA... FALTAVA O QUE, UM DICIONÁRIO, EU NUNCA TIVE UM DICIONÁRIO BOM PRA ESTUDAR. SEMPRE FOI PRECISO PEGAR DOS OUTRO... FALTAVA UM CADERNO, FALTAVA UM LIVRO, TINHA QUE FILAR DOS OUTRO... AI EU PEGUEI, LARGUEI DE MÃO DIRETO E FUI TRABALHAR."

DEPOIMENTO DE UM PAI ADOLESCENTE DE CAMADA POPULAR, 17 ANOS, UM FILHO

Distribuição proporcional de jovens de 20 a 24 anos segundo o motivo da última interrupção e condição de ter tido gravidez na adolescência, por sexo.



FONTÊ: Pesquisa GRAVAD, 2002.

POPULAÇÃO: Jovens de 20 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).

Gráfico oriundo do artigo de Almeida et al. (2006).

Mais uma vez, portanto, professor/a, o destaque para a escola. Não aquela da censura e da informação mecânica, mas aquela que convida para a análise, preocupa-se em apresentar informações e debatê-las amplamente, que reforça a importância da divisão de responsabilidades entre os sexos, que acolhe e encoraja os jovens para que falem de seus mundos, seus sonhos, desejos e, sobretudo, sensibiliza-os/as para que reflitam sobre direitos e responsabilidades no processo da descoberta da sexualidade com parceiro.

O que vai - e vem - pela cabeça dos/as jovens...

Dentre os 4.634 jovens consultados pela pesquisa, 21,4% dos homens e 29,5% das mulheres indicaram pelo menos um caso de gravidez antes dos 20 anos. A grande maioria destas gestações ocorreu no contexto de um relacionamento afetivo já estabelecido. Ou seja, podemos afirmar que no universo pesquisado, casos de gravidez antes dos vinte anos ocorrem geralmente quando os jovens estão namorando.

Confiança cega ou confiança "que cega"?

Importante observar que, embora seja fato que 70% dos jovens usaram camisinha (ou algum tipo de proteção) no primeiro encontro, com o tempo e a continuidade do relacionamento isso deixa de ser realidade, já que "passam a confiar" no/a parceiro/a. Através da pesquisa, percebemos ainda que quanto menor a escolaridade e a renda do jovem, mais cedo a probabilidade de ocorrer a gravidez na adolescência. Entretanto, essa não é uma situação exclusiva desse grupo e também se encontra presente no segmento de rapazes e moças mais escolarizados e de melhor situação econômica, só que em menor número. É interessante destacar para você que, em relação ao primeiro grupo, gravidez e maternidade/paternidade revelam-se alternativas para obtenção de reconhecimento social. Isso mesmo, professor/a! Você já parou para pensar sobre isso?

O que acontece é que diante da situação de grande precariedade social, falta de projetos de vida ou uma sensação de quase impossibilidade de conseguir o que deseja, e apesar de reconhecerem as dificuldades existentes, os jovens indicam ter alcançado um novo estatus na família, comunidade e grupo de amigos/as. Passam a serem considerados "adultos" e donos/as de seus destinos e vidas. Ou seja, a maternidade e a paternidade se apresentam enquanto projetos de vida possíveis de serem realizados. Que encaminhamentos a escola pode apresentar para reflexão da questão? Que contribuições o trabalho da sala de aula pode oferecer aos jovens, familiares e comunidade?



Neste contexto, saúde também interessa!



Em se tratando das doenças sexualmente transmissíveis, importantes aspectos a tratar com os/as alunos/as relacionam-se ao período de manifestação dos sintomas das DST's (incubação/manifestação de sintomas) que pode levar meses, bem como a existência do chamado "portador/a são" que, apesar de não parecer "doente", é transmissor/a. 🌀



A importante decisão de adiar a maternidade e/ou paternidade

Toda gravidez não prevista implica uma tomada de decisão por parte dos/as jovens e suas famílias. Geralmente os pais têm dificuldade de lidar com a situação e a escola idem. Muitas vezes, cabe a jovem grávida a difícil decisão: ter ou não ter. A opção pelo aborto, proibido e ilegal no país, tem sido um recurso procurado por jovens de diferentes segmentos sociais, apesar dos diversos constrangimentos, censuras e riscos que essa situação apresenta.

Na prática, muitas jovens e mulheres, que por ele optam, vivenciam a situação do aborto de maneira solitária, sem o apoio do parceiro e de familiares, com ambigüidade emocional e risco de serem criminalizadas. Sem o apoio do Estado e limitadas condições financeiras, muitas jovens ao tentar realizá-lo, são levadas a optarem por métodos perigosos como o uso de chás, receitas caseiras, medicamentos, injeções diversas "conseguidas" em farmácias, remédios contrabandeados – muitos falsificados e sem eficácia –, expondo-se assim a situações de risco que ameaçam a própria vida. Nessa história toda, uma coisa é certa: quanto mais pobre, maior o risco!

Por tudo isso, os movimentos sociais que apóiam a descriminalização do aborto no país buscam a garantia de condições seguras para sua realização, independente do segmento social ao qual pertença a mulher. O aborto tem sido tema de debate entre os professores de sua escola? É com os alunos. Há essa conversa?

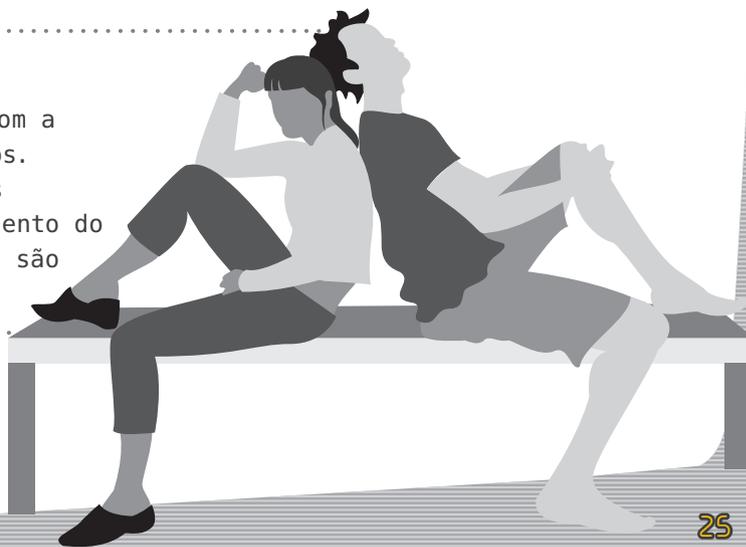
Pela legislação em vigor, no Brasil, apenas em duas situações o aborto é permitido: quando a gravidez é resultado de estupro ou quando põe em risco a vida da mãe. Alguns projetos de lei, encaminhados ao congresso, e ainda não aprovados, tentam estender a legalização também em casos de anencefalia e outras mal-formações fetais.

SAIBA
MAIS

Anencefalia

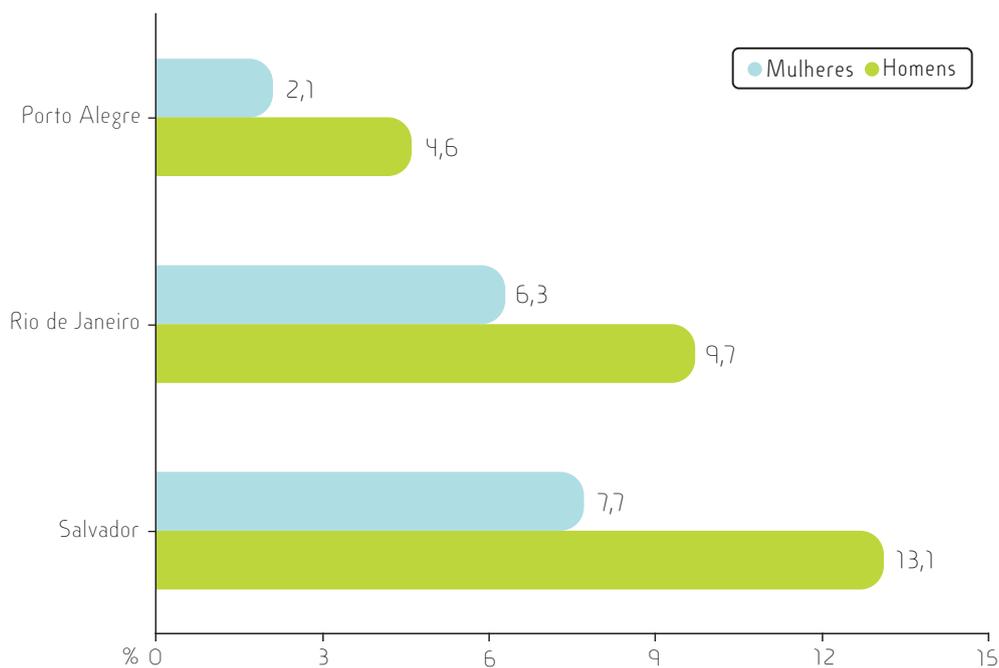


mal-formação do feto incompatível com a vida extra-uterina em 100% dos casos. O feto não apresenta os hemisférios cerebrais, por um defeito de fechamento do tubo neural. Em linguagem corrente, são fetos "sem cérebro".



É preciso considerar ainda que nos muitos casos em que o aborto é realizado clandestinamente, não há sequer registro oficial, o que torna difícil precisar quantas mulheres e jovens o praticam e em que condições o fazem. Entretanto, apesar da situação de ilegalidade, a pesquisa GRAVAD mostra que 17,7% das moças envolvidas em episódios de gravidez na adolescência tiveram o desejo de fazer o aborto e 12,5% chegaram a tentá-lo. Estima-se, para o conjunto, que 6,2% das moças e 10,0% dos rapazes envolvidos em pelo menos um episódio de gravidez antes dos 20 anos optaram pelo aborto. O gráfico a seguir mostra o percentual de declaração sobre interrupção voluntária da gravidez para moças e rapazes nas cidades pesquisadas. Não é difícil imaginar que estes dados apresentam um total mínimo pois, em função da ilegalidade desta prática no país, bem como da reprovação social e moral existentes na sociedade em relação ao aborto provocado, é bastante provável que muitas pessoas não tenham declarado tal fato e que, na realidade, as proporções de aborto sejam maiores.

Percentual de jovens de 20 a 24 anos com relato de aborto provocado antes dos 20 anos, segundo cidade e sexo



FONTES: Pesquisa GRAVAD, 2002.

POPULAÇÃO: Jovens de 18 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).



A criminalização do aborto não reduziu sua incidência, contribuindo, contudo, para que seja praticado “escondido”, colocando, na maioria das vezes, em risco, a vida de quem o pratica. A prática do aborto inseguro evidencia diferenças socioeconômicas, culturais, étnico-raciais e regionais das mulheres diante de uma mesma ilegalidade...

Adaptado de Magnitude do Aborto no Brasil: uma análise dos resultados de pesquisa. 2007. Ipas Brasil, IMS e Ministério da Saúde.

BRASIL/MINISTRO DO STF QUER AMPLIAR DISCUSSÃO SOBRE O ABORTO

BRASÍLIA - Celso de Mello, o ministro mais antigo entre os 11 do STF (Supremo Tribunal Federal), defendeu ontem que o Brasil amplie o debate sobre a legalização do aborto e disse que o país "tem sido mais aberto no plano internacional do que no doméstico" sobre o tema. "O que nós temos notado é que jovens adolescentes se expõem a práticas abortivas clandestinas e não apenas comprometem gravemente seu estado de saúde, como muitas vezes morrem, o que é mais sério. Daí a preocupação da comunidade internacional", afirmou. "Defendo que o Estado brasileiro transporte para o plano do seu direito interno declarações internacionais, que foram defendidas pelo Brasil, sob os auspícios das Nações Unidas".

Segundo o ministro, o país participou "ativamente" de três conferências em que o assunto foi debatido, entre as quais a 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim, em 1995. Essa reunião recomendou "considerar a revisão das leis que contêm medidas punitivas contra as mulheres que realizaram abortos ilegais". "Lá em Pequim discutiu-se a questão do aborto, e o Brasil no plano internacional assumiu uma posição mais aberta do que esta

que vem assumindo internamente no plano de sua legislação. Por quê? Há uma questão em debate que é a do aborto seguro".

Ele também citou as conferências de Viena sobre direitos humanos e do Cairo sobre população e desenvolvimento. Mello fez essa afirmação um dia após o STF começar a julgar se libera ou não o uso de células-tronco embrionárias em pesquisas científicas. O julgamento foi adiado por um pedido de vista do ministro Carlos Alberto Menezes Direito. Mello diz que a decisão sobre células-tronco pode provocar debate sobre novas condições de aborto legal, além das duas já previstas no Código Penal: estupro e risco de vida à mulher.

Ao mesmo tempo, sugeriu que dificilmente o STF aceitará a interrupção da gravidez nos casos de anencefalia, objeto de uma ação já em curso. "O tribunal ficará muito mais dividido do que no caso dos embriões". Mello prevê a liberação das pesquisas com células-tronco. "Tudo indica que o tribunal vá, ainda que por maioria exígua, repelir a ação. A rejeição do pedido do procurador geral significa a celebração da vida e representa a restauração da esperança a milhões de pessoas". (Folhapress)

<http://www.correiodabahia.com.br/poder/noticia.asp?codigo=149064>

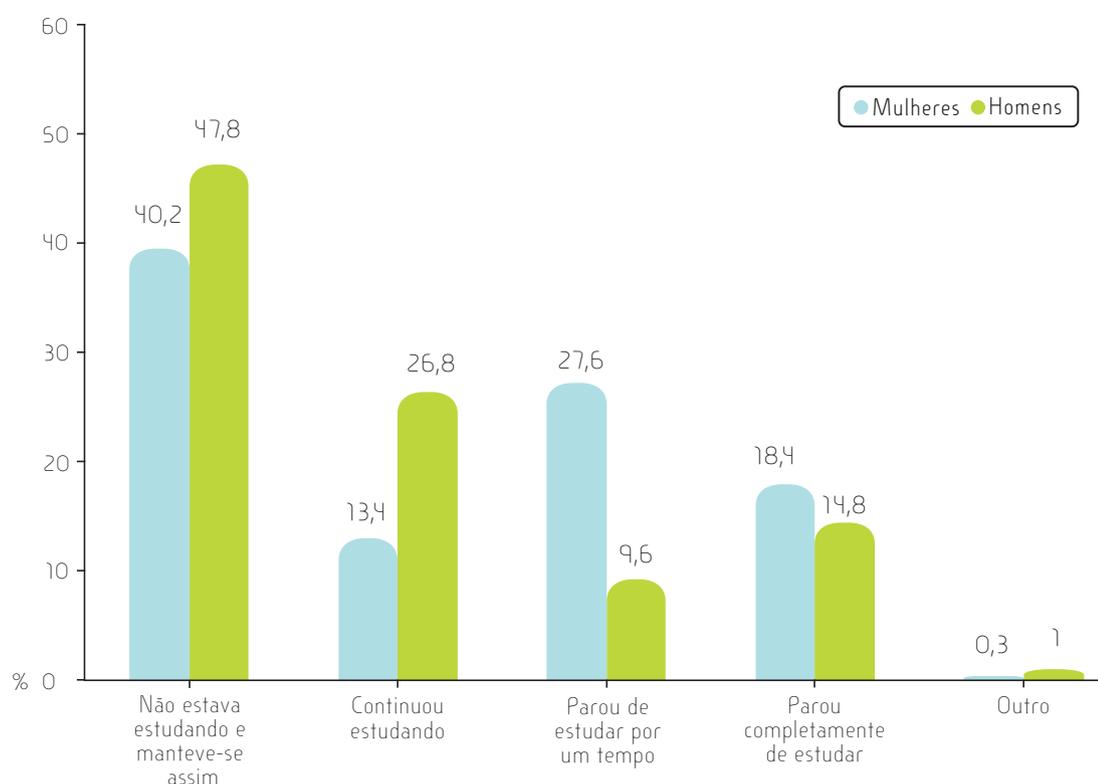
Um outro projeto de vida mediado pela escola...

Bem, depois de todas estas reflexões não há como negar o papel fundamental da escola no desenvolvimento de um projeto de vida pelos jovens.

Mas, como a escola pode cumprir com esta função? Assumindo a responsabilidade de educar e formar novos sujeitos, aptos a modificar o curso esperado de suas vidas, quase sempre amarrado à reprodução de condições precárias de existência, valorizando suas formas de expressão, ouvindo suas demandas, proporcionando condições para que se sintam mais orientados e seguros quanto aos conhecimentos sobre corpo, sexualidade, relacionamentos afetivos, métodos contraceptivos e de proteção das DSTs. Assim, estará colaborando firmemente para evitar que incorram em situações como gravidez não prevista, aborto em condições precárias, contaminação pelo vírus HIV. Todos/as os/as jovens têm o direito de se dedicar aos estudos e se preparar para o mundo do trabalho.

De acordo com dados da pesquisa GRAVAD, quase metade dos casos de gravidez antes dos 20 anos, nas quais os jovens optaram pelo nascimento do filho, ocorreram quando eles já se encontravam fora da escola. Esta proporção corresponde a 40,2% para as moças e 47,8% para os rapazes (observe o gráfico 4). Com isto, embora não se possa negar que uma das causas da evasão escolar seja também a gravidez, deve-se ter clareza de que este não é o único fator, nem o principal a tirar o jovem da escola; muitas vezes ele já estava fora dela.

Proporção de jovens que tiveram o primeiro filho até os 19 anos, segundo repercussões sobre estudo até um ano após o nascimento da criança e sexo.



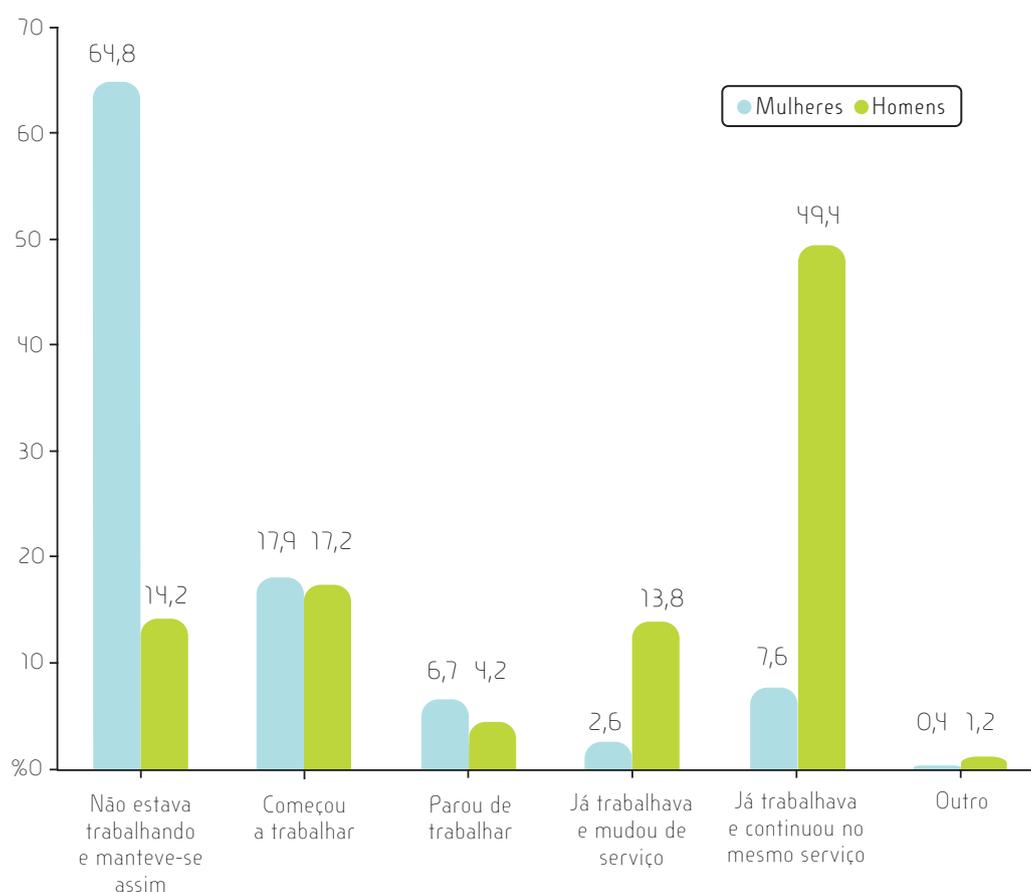
FONTE: Pesquisa GRAVAD, 2002.

POPULAÇÃO: Jovens de 18 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).

Vale destacar para você, professor/a, que na maior parte dos episódios relatados, sobretudo por aquele/s de mais baixa renda, a maternidade e a paternidade juvenil funcionam como uma forma de obter prestígio social. Na ausência de outros projetos de vida, rapazes e moças, quando se tornam pais e mães, acabam por conquistar um grau de autonomia conferido pelo estatuto social de "adultos", por estarem "casados", "unidos" ou somente como "pais" e "mães". Suas relações com as famílias se modificam, adquirem "estatus". O que este dado significa?

Além disso, com o nascimento do filho, observe como as distribuições de tarefas, de acordo com as expectativas de gênero, se apresentam na vida dos jovens: as moças ficam em casa se dedicando aos cuidados com a criança, enquanto para os rapazes há um reforço de seu papel de provedor e poucos são aqueles que permanecem fora do mundo do trabalho (apenas 14,2%). Confira os dados do gráfico.

Proporção de jovens que tiveram o primeiro filho até os 19 anos, segundo repercussões sobre trabalho até um ano após o nascimento da criança e sexo



FONTE: Pesquisa GRAVAD, 2002.
POPULAÇÃO: Jovens de 18 a 24 anos, Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA).



Esta informação nos ajuda a dimensionar a importância da escola frente à questão da gravidez na adolescência. Se os jovens são devidamente estimulados a permanecer estudando, perseguindo objetivos dentro de um projeto educativo e profissional, certamente terão mais chances de exercer sua sexualidade de forma segura. A sala de aula precisa estar voltada aos seus interesses, engajando-os/as na construção de seu futuro pessoal e profissional. É aqui, nós, educadoras e educadores, podemos ser agentes fundamentais na construção de um diálogo com rapazes e moças, sobre seu cotidiano e possibilidades a partir do universo que se abre na escola. Como a situação de muitas famílias é instável, também devido às péssimas condições de trabalho, aos espaços de convivência muito restritos e violentos, o universo escolar tem tudo para configurar-se como um ambiente seguro, capaz de "ouvir" suas dúvidas, dificuldades e necessidades. É fundamental "construir" uma escola que seja suficientemente atrativa para que o jovem deseje ali permanecer.

"HOMEM SEM TRABALHO NÃO É HOMEM... É UM VAGABUNDO E NÃO TEM VALOR. É IMPORTANTE O HOMEM TER SEU DINHEIRO PARA VALORIZAR SUA MORAL PERANTE OS FAMILIARES, A ESPOSA E OS VIZINHOS."

DEPOIMENTO DE PAI ADOLESCENTE DE CAMADA POPULAR, 19 ANOS, DOIS FILHOS



"DESDE PEQUENININHA, EU TAVA COM CINCO ANOS, MINHA IRMÃ DEVIA ESTAR COM QUATRO, TRÊS, EU JÁ TOMAVA CONTA DELA, PRA MINHA MÃE TRABALHAR [...] EU NÃO TIVE INFÂNCIA, COMO EU FALO TAMBÉM, EU NÃO TENHO ADOLESCÊNCIA, NÉ? [...] MUITAS VEZES EU TIVE QUE PARAR DE ESTUDAR PRA TOMAR CONTA DOS MENINO, LAVAR, PASSAR, COZINHAR, ARRUMAR [...]."

DEPOIMENTO DE MÃE ADOLESCENTE DE 16 ANOS, RESPONSÁVEL PELO CUIDADO DE CRIANÇAS DESDE SEUS SETE ANOS DE IDADE).

Informação, reflexão e decisão.

Uma questão de direito!

A pesquisa GRAVAD reforça a evidência de que, quanto maior a escolaridade dos jovens, menor o número de casos de gravidez na adolescência. A escola é um lugar aonde os projetos de vida são construídos. É também um espaço privilegiado para transmitir informações que propiciem aos jovens a condição de decidir, de maneira consciente, quando se relacionar sexualmente e quais métodos contraceptivos e de proteção às DSTs usar, para que possam tornar-se assim menos vulneráveis nos relacionamentos afetivos.

Abaixo, você conhecerá um pouco mais sobre DSTs e métodos contraceptivos. Vale a pena saber mais sobre estes assuntos e poder transmitir informações com segurança em sala de aula.

Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)³

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) são doenças causadas por vários tipos de agentes. São transmitidas, principalmente, por contato sexual sem o uso de camisinha, com uma pessoa que esteja infectada e, geralmente, se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas. Algumas DST são de fácil tratamento e de rápida resolução. Outras, contudo, têm tratamento mais difícil ou podem persistir ativas, apesar da sensação de melhora relatada por pacientes. As mulheres, em especial, devem ser bastante cuidadosas, já que, em diversos casos de DST, não é fácil distinguir os sintomas das reações orgânicas comuns de seu organismo. Isto exige da mulher consultas periódicas ao médico. Algumas DST, quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem evoluir para complicações graves, e até a morte. O tratamento tem como principal objetivo interromper a cadeia de transmissão da doença. O atendimento e o tratamento de DST são gratuitos nos serviços de saúde do SUS. As DST são o principal fator facilitador da transmissão sexual do vírus da AIDS, pois feridas nos órgãos genitais favorecem a entrada do vírus HIV. O uso de preservativos em todas as relações sexuais é o método mais eficaz para a redução do risco de transmissão, tanto das DST quanto do vírus da AIDS. Algumas DST também podem ser transmitidas da mãe infectada para o bebê durante a gravidez ou durante o parto. Podem provocar, assim, a interrupção espontânea da gravidez ou causar graves lesões ao feto. Outras DST podem também ser transmitidas por transfusão de sangue contaminado ou compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis.

³ Texto extraído do site do Programa Nacional em DST/Aids. Ministério da Saúde. www.aids.gov.br

Métodos Contraceptivos

Também os principais métodos anticoncepcionais podem ser debatidos não apenas em sala de aula mas, igualmente importante, com familiares e comunidade. Lembramos que é muito importante recomendar a consulta aos médicos especialistas, em postos ou serviços de saúde, que podem esclarecer dúvidas e auxiliar os jovens. Aliás, especialistas nessa área podem e devem ser convidados para bate-papo na escola.

Não custa reforçar para você, professor/a, que a escolha do método precisa ser feita de maneira consciente, sendo responsabilidade individual, conforme a fase de vida e momento afetivo (se está só, se tem parceiro/a ocasional, se tem namorado/a, etc.), e usá-lo continuamente, sem interrupções. **É preciso estar atento ao fato de que nem todos os métodos são indicados para adolescentes.**⁴

1 MÉTODOS NATURAIS

Para que sejam eficazes, é preciso conhecer muito bem o funcionamento do corpo da mulher e utilizar outro método nos períodos contra-indicados para manter relação sexual.

Método da tabelinha

Este não é um método totalmente confiável. Muitos especialistas recomendam cuidado ao adotá-lo, pois há possibilidade de muitas falhas. Ainda assim é um método anticoncepcional muito popular. O casal deve evitar as relações sexuais durante o período fértil da moça. Em geral, este período vai de 4 dias antes da ovulação até 4 dias depois. Por isto, é preciso saber qual o dia certo da ovulação para fazer o cálculo correto.

Método da temperatura basal

O casal deve evitar relações sexuais durante a ovulação. A mulher deve tomar a temperatura do corpo todos os dias, em um mesmo horário, pois há alterações durante o período de ovulação. A temperatura diminui um dia antes da ovulação e aumenta de 24 a 72

horas depois dela, e permanece elevada até a próxima menstruação.

Método sintométrico

Combina o método da tabelinha e o da temperatura basal. Também é preciso que o ciclo menstrual seja regular, do contrário não haverá segurança.

Método do muco cervical

Este método consiste em identificar o muco cervical que é liberado na vagina poucos dias antes, e poucos dias depois da ovulação. O muco cervical é claro, esbranquiçado ou levemente amarelado, e espesso. No dia da ovulação, torna-se menos espesso e mais intenso. Neste período, o casal deve evitar relações sexuais. Deve-se tomar cuidado para não confundir o muco com secreções e correntes, que podem indicar infecções.

Coito interrompido

Neste caso o parceiro retira o pênis da vagina quando sente que vai ejacular, para que o esperma não seja ali depositado. Apesar de

⁴ Os textos desta lista foram adaptados do capítulo "E se eu ficar grávida?" de José Mendes Aldrighi e Andréa Larissa Ribeiro Pires publicado em: *Ciência hoje na escola*, volume 11. Sexualidade: corpo, desejo e cultura. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: SBPC, 2001.

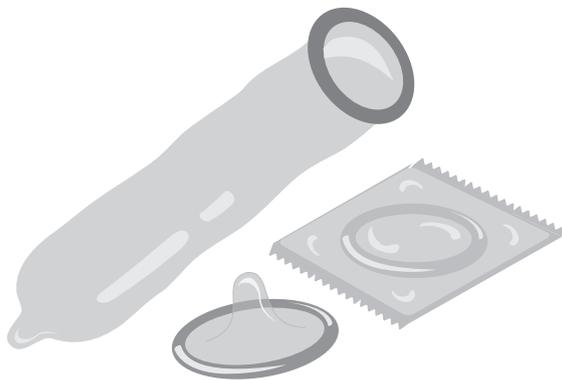
muito popular, é considerado muito pouco eficiente para evitar a gravidez. Muitos não o reconhecem como um método contraceptivo. As secreções do pênis antes da ejaculação já podem conter espermatozóides e é preciso um auto-controle do homem, que nem sempre pode ser alcançado. Também não previne as DSTs.

2 MÉTODOS MECÂNICOS OU DE BARREIRA

São métodos que utilizam alguma barreira "mecânica" para impedir a passagem dos espermatozóides.

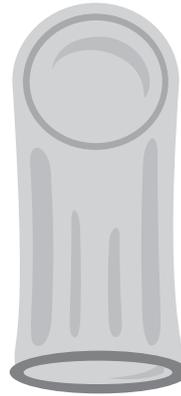
Camisinha masculina (condom)

Um dos métodos de barreira mais recomendados, pois além de evitar a gravidez, também previne, com segurança, as doenças sexualmente transmissíveis (DST), como a AIDS. Trata-se de uma capa de látex ou borracha que cobre o pênis, impedindo a passagem dos espermatozóides. A camisinha deve ser colocada no pênis ereto, com um espaço na ponta, para o acúmulo do líquido seminal, para evitar o vazamento. Recomenda-se que a camisinha seja utilizada com gel espermicida, no caso de rompimento. Ela não pode ser reutilizada.



Camisinha feminina (condom feminino)

Este método de barreira também deve ser usado com espermicidas para garantir a eficácia. É uma bolsa de látex ou poliuretano, que deve ser introduzida e revestir internamente a vagina. A camisinha feminina impede o contato do sêmen com a vagina.



Diafragma

Consiste em uma meia esfera de látex, com um anel flexível, que a mulher deve colocar na vagina até seis horas antes da relação sexual, e ser retirado de seis a vinte e quatro horas depois. É preciso utilizar espermicida para garantir a segurança deste método. Este método não protege contra as DSTs. O diafragma deve ter o tamanho certo para o corpo de cada mulher, por isto ela deve passar pela consulta com o médico para tirar as medidas.



DIU

O Dispositivo Intra-Uterino é uma peça de plástico recoberta com fios de cobre, que desintegra os espermatozóides no útero e impede a fecundação. Ele é colocado dentro do útero pelo médico, e é necessário que a mulher faça controle periódico com o ginecologista, para assegurar a posição correta deste dispositivo. O DIU tem validade de 5 a 10 anos no corpo da mulher. É recomendado para mulheres que já possuem filhos.

3 MÉTODOS HORMONAIS

Anticoncepcionais orais (pílulas)

São comprimidos produzidos com dois hormônios femininos (estrogênio e progesterona), que devem ser tomados pela mulher regularmente, com acompanhamento médico. As pílulas impedem a liberação do óvulo pelo ovário. Algumas mulheres sentem efeitos colaterais decorrentes do uso da pílula, como náuseas, vômitos, aumento de peso, sensibilidade nos seios. Recomenda-se que a pílula anticoncepcional não seja usada indiscriminadamente, pois há algumas restrições médicas para mulheres fumantes, com problemas circulatórios, em períodos de lactação, entre outros. Portanto, deve ser utilizada sob orientação médica.

Anticoncepcional de emergência - Pílula do dia seguinte

É uma pílula que contém o princípio ativo levonorgestrel, que atua dificultando o encontro do espermatozóide com o óvulo, por isto sua ação ocorre antes da fecundação. Deve ser

utilizada em caso de falha de outro método anticoncepcional, ou no caso de relação sexual desprotegida. Ela só funciona quando ingerida em até 72 horas após a relação sexual. É recomendado apenas em casos de emergência e seu uso não deve substituir outros métodos anticoncepcionais ou a camisinha. É preciso recomendação médica para utilizar esta pílula.

Anticoncepcionais injetáveis trimestrais

Injeções com progesterona que evitam que o corpo da mulher se prepare para a gravidez. São aplicadas a cada três meses e possuem alto grau de eficácia. Podem causar ausência de menstruação. Se a mulher desejar ter filhos, basta interromper o uso. Só devem ser tomados com prescrição e acompanhamento médico.

Anticoncepcionais injetáveis mensais

Contêm estrogênio e progesterona, e são aplicadas uma vez por mês. Só devem ser tomados com prescrição e acompanhamento médico.

Espermicida

Contém substâncias químicas que matam os espermatozóides ainda na vagina. Em geral são cremes, geléias, espumas ou películas solúveis. Os espermicidas são usados em associação com outros métodos de barreira, como o diafragma, a camisinha masculina e feminina. Se usado isoladamente não é completamente seguro.

4

MÉTODOS CIRÚRGICOS OU IRREVERSÍVEIS

São métodos considerados extremamente eficazes, porém de difícil ou impossível reversão. Consistem em intervenções cirúrgicas de pequeno porte dificilmente reversíveis, de modo que uma vez feito, é muito difícil de ser revertido. Na escolha destes métodos é muito importante que os casais reflitam cuidadosamente. **Estes métodos não são recomendados para adolescentes e jovens!**



Atenção: a lei de planejamento familiar, n. 9.263, de 1996, estabelece que a esterilização voluntária pode ser feita "em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de 25 anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos, desde que observado o prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico".



Laqueadura tubária (esterilização feminina)

É um procedimento que corta a tuba uterina, de modo a interromper o canal de passagem do óvulo. Isto impede que o espermatozóide chegue ao óvulo. Pode ser feita por meio de laparoscopia.



Vasectomia (esterilização masculina)

Consiste na ligadura dos canais deferentes, por onde passam os espermatozóides no caminho para a saída do pênis. O homem não precisa ser internado para esta cirurgia, que é feita com anestesia local. Ela pode ser realizada no consultório do médico responsável.



Os interessados em acesso gratuito a métodos contraceptivos ou de proteção às DSTs devem procurar os programas de planejamento familiar nos serviços de saúde mais próximos, para participar dos grupos de orientação e obter acompanhamento médico adequado.

CONVERSANDO SOBRE CONTRACEPÇÃO...

Abordar com a turma métodos contraceptivos é uma boa oportunidade para saber o que já conhecem os/as alunos/as e ainda, convidá-los/as a refletir sobre mitos e preconceitos. Em algumas regiões do país, por exemplo, há o mito de que sífilis "se cura" transando com uma moça virgem! Há também quem acredite que a Aids é transmitida apenas através de relações homossexuais e assim por diante! Além de consultar um/a profissional da saúde, você pode obter mais informações sobre DST e Aids acessando os seguintes sites:

www.aids.gov.br

www.abcd aids.com.br

www.dstbrasil.org.br

www.vivacazuza.org.br

www.abia.org.br

<http://www.saude.rj.gov.br/dst aids>

Pactuando nosso entendimento sobre o assunto que, em conjunto, refletimos a partir desse material:

- ++ A sexualidade é um aprendizado que começa na infância, com a descoberta gradativa dos sentidos, o acesso às primeiras informações sobre sexo e as transformações corporais. A primeira relação sexual com parceiros é uma etapa deste desenvolvimento.
- ++ É natural que os jovens tenham experiências sexuais. É necessário que eles tenham informações adequadas para garantir relações saudáveis, com proteção das doenças sexualmente transmissíveis e saibam como evitar a gravidez, com o uso contínuo dos métodos contraceptivos.
- ++ A gravidez na adolescência pode acontecer durante o desenvolvimento da sexualidade dos jovens, quando eles não adotam medidas seguras de proteção.
- ++ Existem diferenças sociais no comportamento de homens e mulheres. É preciso educar para diminuir essas diferenças, contribuindo para relações mais igualitárias e justas, que promovam conversa e participação mútua frente às decisões quanto ao uso da camisinha e dos métodos contraceptivos. Neste sentido, tanto as meninas quanto os meninos devem ser apresentados aos métodos contraceptivos.
- ++ Se os jovens tiverem acesso a uma escola sensível às suas questões, e oportunidades para construir um projeto de vida que estimule o desejo de aprender cada vez mais, terão melhores chances de se proteger e evitar uma gravidez não prevista.
- ++ Os/as professores/as devem incluir atividades lúdicas, debates, jogos, filmes, brincadeiras, teatro, oficinas literárias, artísticas e esportivas, que estimulem o aprendizado das informações sobre sexualidade, contracepção e prevenção de doenças. Devem incentivar pesquisas e leituras sobre sexualidade, com material adequado.
- ++ Lembre-se: a escola pode vir a ser um caminho para a conquista de um futuro diferente para a maioria das crianças e adolescentes pobres do país, na direção da cidadania e de melhores oportunidades sociais. Jovens com mais escolaridade têm mais chances de construir outros projetos de vida, evitando a gravidez não prevista ou sua reincidência, quando já ocorrida.
- ++ Os jovens que passam por uma situação de gravidez devem receber apoio institucional, e ter acesso a serviços de saúde. Não devem ser discriminados ou sofrer preconceito. Devem ser estimulados a conversar com suas famílias. Com apoio, carinho e diálogo é possível ajudá-los nesta experiência.
- ++ É fundamental trabalhar tabus e preconceitos, referentes à sexualidade, existentes na sociedade e, por isso, presentes no cotidiano de professores/as e alunos/as, bem como estimular e desenvolver uma prática democrática, que estimule a convivência respeitosa com as diferenças e diversidade de opiniões.
- ++ Os/as professores/as podem e devem conversar sobre sexualidade, relações de gênero, reprodução, aborto, violência de gênero, entre outros assuntos. É necessário transformar a escola em um ambiente que proporcione um aprendizado social a respeito da sexualidade, da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez não prevista.

Não apenas falando, mas pensando sobre tudo isso! Algumas, dentre muitas outras idéias, para colocar a mão na massa...

Como anteriormente afirmamos, temos a consciência de que trabalhar com alunas/os o tema gravidez na adolescência e sexualidades não é tarefa pouco complexa para a escola.

Na verdade, trata-se de um baita desafio, porque, afinal, a resistência está por todos os lados: nas/os próprias/os jovens, educadoras/es, familiares e, principalmente, no silêncio hipócrita da sociedade...

Contudo, mesmo que não haja uma "receita mágica" – e ainda bem que ela não existe! – é possível lançar mão de algumas questões para tentar, assim, traçar um rumo que permita abordar o tema de maneira mais comunicativa, sempre fundamentada e, principalmente, sem preconceitos.

É bom lembrar que a sexualidade, tratada enquanto tema transversal, a partir das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, considerando-se as características próprias da clientela e o nível de compreensão, amplia os limites de uma abordagem restrita única e exclusivamente disciplinar e, muito importante, permite transitar por entre as diferentes disciplinas, promovendo interação entre elas e a vida.

Além disso, vale repetir que também familiares, comunidade e demais funcionárias/os da escola devem ser envolvidas/os na discussão.

Assim, queremos sugerir algumas, dentre as muitas possibilidades que você, professor/ra, articulando-se e trocando idéias com os/as demais educadoras/es de sua escola, podem imaginar para desenvolver um trabalho rico e, sobretudo, interessante para os/as jovens...

PARA
REFLETIR



...ao abordar a questão da gravidez na adolescência e das sexualidades na escola é preciso considerar as características próprias da turma e nível de compreensão... 

Professor/a, aqui estão apenas sugestões. É você quem conhece a realidade de sua turma, as demandas e o nível de compreensão das/os alunas/os, os recursos e instrumentos dos quais dispõe para levar adiante o trabalho...

Desenhando a família...

Como resultado da exposição dos desenhos criados pelas/os alunas/os, você terá a oportunidade de debater aspectos como as diferentes composições familiares, religiosidade, preconceitos, papéis e responsabilidades masculinas e femininas, bem como perceber de que maneira as famílias falam e/ou lidam com a gravidez na adolescência.

Aliás, professor/a, Com quem sua/seu aluna/o tem aprendido e conversado sobre sexo?

Trabalhando com jornais, letras de músicas, poesias, revistas e internet...

A partir de textos, matérias, reportagens e letras de músicas será possível abordar questões como gravidez na adolescência, sexualidades, relações de gênero, violência contra a mulher e muitos outros aspectos.

A partir da discussão de notícias polêmicas será possível identificar como pensam seus/as alunos a respeito das relações que envolvem os sexos. Uma boa oportunidade para levar o grupo à reflexão de que o exercício da sexualidade envolve o respeito e a solidariedade ao próximo.

O que acha, professor/a, de criar com a turma um jornal mensal com material selecionado e pesquisado pelos próprios alunos/as? Ele pode ser apresentado aos demais alunos, professores/as e responsáveis. Além disso, seria uma excelente oportunidade para integrar as diferentes disciplinas do currículo. Por exemplo: o/a professor/a de português pode orientar o grupo na escrita das matérias, o/a de matemática pode ajudar aos alunos/as na interpretação de gráficos e tabelas e assim por diante...

TENDÊNCIAS/DEBATES

Aborto: último recurso

Toda contracepção é falível. É o que justifica assegurar o direito ao aborto a todas as mulheres que optarem por se valer desse último recurso

PARADOXOS existem cuja compreensão nem sempre leva à sua superação. Exemplo cabal é a permanência da prática do aborto em patamares relativamente estáveis em muitas democracias ocidentais, lá onde ele foi inicialmente descriminalizado, antes de ser liberalizado e regulamentado. Não que sua liberalização não tenha sido precedida de medidas garantindo o livre acesso aos mais variados métodos contraceptivos, de forma gratuita ou mediante reembolso como direito do sistema de seguridade social.

Esse "script" seguiu a França, quando da aprovação da Lei Neuwirth, em 1967, que antecedeu em oito anos a promulgação, em 1975, da Lei Veil, esta autorizando a interrupção da gravidez sob certas condições. Desde então -e contrariamente a todas as expectativas-, o número de abortos por 1.000 mulheres praticamente não variou ao longo de 30 anos: 14 em 2004, número praticamente idêntico ao de 1975.

Vale registrar que essa taxa é muito semelhante à inglesa e inferior à sueca, esta de 15%, a mais elevada da Europa-15 (as menores são da Bélgica e da Espanha, próximas de 6 abortos por 1.000 mulheres). Em 2004, foram realizados aproximadamente 210 mil abortos na França, 70% deles no setor público.

Aumenta na França a proporção de abortos seguros, isto é, medicalizados, mediante uso de remédios em lugar de intervenção. Esse percentual já alcança 42% de todos os procedimentos de interrupção voluntária da gravidez (IVG), contra 14% em 1990.

Essa progressão se deve ao fato de a França, tal como Inglaterra e Suécia, ter introduzido, desde o início dos anos 90, a opção medicalizada, que mais recentemente vem se generalizando pelos demais países europeus.

A interrupção voluntária da gravidez implica permanência de algumas horas em um hospital, mas também já pode ser feita, no período regulamentar de 12 semanas, em qualquer consultório médico, seja por um clínico geral, seja por um ginecologista.

Essa é uma das mudanças introduzidas na lei francesa quando de sua revisão em julho de 2001, acompanhando o progresso técnico-científico e os valores éticos.

Interessante observar, no entanto, que, nesse mesmo período de 30 anos, o percentual de francesas em idade de procriar (14 a 49 anos) que aderiram a algum método de controle não natural (pílula, diafragma, DIU, preservativo) passou de pouco menos de 50% para 75%. Ou seja, a forte expansão da demanda por contraceptivos -com oferta massiva e de qualidade- não restringiu a demanda por aborto.

> continua...



Tampouco impediu um recrudescimento da taxa de natalidade: a França registra, ao lado da Irlanda -país em que a interrupção voluntária da gravidez é proibida-, a mais alta taxa de fecundidade no âmbito da União Européia: 1,9.

Esse resultado, aparentemente paradoxal, é fruto de uma bem-sucedida política natalista ativa do Estado francês, adotada há poucos anos com o intuito de evitar problemas futuros derivados do envelhecimento da população. Política essa feita, diga-se de passagem, sem sacrificar a participação constante e elevada das mulheres no mercado de trabalho.

O que caiu significativamente na França foi o número de gravidezes não programadas. Destas, hoje, dois terços são interrompidos e um terço chega à concepção. Em 1975, essa proporção era, respectivamente, de 42% e 48%.

Planejar a maternidade é, sem dúvida, a melhor maneira de promover bem-estar e felicidade para todos.

Não bastasse isso, graças à legalização do aborto e, notadamente, à progressão do aborto medicalizado e seguro, houve uma redução espetacular da mortalidade materna. Segundo estatísticas oficiais, há menos de uma morte/ano, na França, em consequência da prática do aborto (0,3 morte por 100 mil abortos).

No Brasil, o aborto é a quarta causa de morte materna, contribuindo para as altas taxas de mortalidade feminina (76 mortes por 100 mil), com elevados custos humanos e financeiros.

O ministro da Saúde tem razão: aborto é questão de saúde pública!

O risco da procriação não planejada existe e, embora possa ser significativamente reduzido com o desenvolvimento de novas técnicas e métodos modernos mais eficazes, jamais será completamente eliminado.

Quem julga o recurso ao aborto como uma escolha irresponsável de contracepção insiste em ignorar que toda contracepção -à exceção da esterilização- é falível. É isso que justifica assegurar o direito ao aborto a todas as mulheres que optarem por lançar mão desse último recurso.

Uma escolha que também nós, brasileiras, queremos ter.

FSP - São Paulo, sexta-feira, 24 de agosto de 2007.

LENA LAVINAS, 54, doutora em economia, é professora associada do Instituto de Economia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2408200708.htm>

Fazendo análise de casos...

Apresentar situações ao grupo, para que reflitam e apontem encaminhamentos...

Você, professor/a pode trabalhar também com a turma dividida em pequenos grupos...

As situações apresentadas podem ser criadas por você e também pelos próprios alunos/as...

CASO 1

Um professor jovem, formado em Ciências Sociais, desmotivado pelo desinteresse dos alunos/as em suas aulas, pelo barulho e conversas em sala, partiu para uma experiência pioneira, decidindo apresentar o ofício da pesquisa científica, por meio do contato direto com a realidade social. Assim, elegeu temas estratégicos para serem abordados com os jovens – gravidez na adolescência, aborto, uso de drogas, violência de gênero – incentivando-os/as a pesquisar em grupo, coletando material, entrevistando pessoas, indo a campo para conhecer as situações de perto. Os/as alunos/as adoraram esta iniciativa, se envolveram e se empenharam muito na preparação de seus trabalhos de pesquisa, que seriam apresentados ao final do semestre.

Outros/as professores/as, incomodados com o burburinho que esta proposta pedagógica gerava na escola, comentavam: "Não adianta, essas meninas só vêm pra escola pra arrumar namorado, casamento, só vêm pra isso, não querem saber de mais nada! Querem engravidar, adoram desfilas com uma barriga".

No dia da apresentação dos trabalhos, aproveitando o êxito da iniciativa junto aos alunos/as, a direção da escola resolveu convidar autoridades municipais, profissionais de saúde do posto próximo à escola, o corpo docente, familiares dos/as alunos/as, tornando a conclusão dos trabalhos de pesquisa um evento de promoção da escola na sua comunidade. O professor, sob o impacto da importância de sua proposta, conduziu a apresentação dos grupos de alunos/as. Cada grupo abordou um determinado tema, com encenação teatral, narrativa de entrevistas com figuras locais (traficante), programa de rádio, etc. Foram aplaudidos após cada apresentação e a sessão encerrada. Nada se discutiu a partir daqueles esquetes de teatro, das histórias apresentadas, dos casos contados. O público se dispersou.

O que você achou do caso? Poderia ter sido diferente? Os dirigentes escolares agiram certo? É a conduta do professor? Faltou algo nesta história? Em sua opinião, os temas foram discutidos? Como os temas ligados à sexualidade e às relações de gênero, que reforçam estereótipos e diversos valores podem ser trabalhados na escola?

CASO 2

Uma aluna da 7ª série entra para assistir a aula, com o filho de dois meses no colo. A professora intervém: "Não pode, Larissa! Vá conversar com a diretora, porque sala de aula não é lugar para trazer criança de colo. Lugar de criança de colo é na creche, não na escola. Você precisa primeiro arrumar alguém pra cuidar de seu filho, se quer continuar estudando." Larissa, desapontada, explica que quer muito continuar estudando, mas sua mãe e avó trabalham o

dia inteiro e sua família não tem dinheiro para pagar ninguém pra olhar a criança. Como não há creches públicas em sua comunidade, o jeito foi vir pra escola com o filho.

Diante de tal situação, o que a escola deve fazer? O que achou da reação da professora? E da atitude de Larissa? Você já passou por situação parecida ou conhece este tipo de caso? Como foram tratadas estas situações?

CASO 3

Os/as alunos/as estavam no intervalo das aulas, conversando no pátio em grupos. Havia duas rodas, uma só de meninas, outra só de rapazes. O tema da conversa em ambos era sexo. No grupo de rapazes, um contava suas aventuras sexuais com parceiras diversas, gabando-se de ter uma namorada fixa, e mais três parceiras sexuais amigas, mais conhecidas e outras esporádicas, eventuais que rolam na noite, quando ele sai sem a namorada. O amigo pergunta: "É aí, você usa camisinha com todas elas? Fica caro, hein malandro!" Ele explica que não precisa usar preservativo com todas, só com as que ele "não conhece".

Na outra roda, as meninas ouvem uma contar que fez um aborto, com conhecimento de sua mãe, que comprou o Cytotec, no camelô da rodoviária. Ela passou muito mal, foi internada, fez curetagem. As amigas ouviam assustadas. Ela continuava a dizer que temia engravidar de novo, pois sempre se esquecia de tomar a pílula, e o namorado não aceita de modo algum usar camisinha.

Diante destas situações, como discutir com seus/suas alunos/as as dificuldades referentes ao uso de preservativo e de métodos contraceptivos?

Discuta com seus/suas colegas: como a escola pode construir um projeto de educação em sexualidade, ligado a outras dimensões da vida social. Sabemos que a sexualidade integra nossa experiência de vida, daí não considerá-la um tema à parte, concordam?

Utilizando filmes...

Alguns filmes retratam a experiência da Gravidez na Adolescência e podem gerar interessantes oportunidades para debater este tema na sala de aula com os alunos. Entre a ficção e a realidade, vale aproveitar a exibição do filme para introduzir o assunto e refletir. Aqui vão algumas dicas.

É então, professor/a? O que pode acrescentar? Lembre-se que mais proveitoso ainda será o trabalho, a partir da participação e integração de professores/as das diferentes áreas! Agora é com você...

Meninas

Direção
Sandra Werneck

Documentário

Brasil

2005

Dirigido pela cineasta Sandra Werneck, "Meninas" é um documentário que enfoca a Gravidez na Adolescência mostrando de perto o cotidiano de jovens mães moradoras de comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro. Com sensibilidade para provocar diferentes perspectivas sobre este assunto tão relevante, "Meninas" mostra as transformações nas vidas das jovens quando descobrem que estão grávidas, evitando um olhar de julgamento ou de conclusões generalizantes. Traz também a perspectiva dos parceiros e das famílias envolvidas com a gravidez.

Juno

Direção
Jason Reitman

Ficção

Canadá-Estados
Unidos

2007

Vencedor do Oscar de melhor roteiro original em 2008, o filme mostra a vida da adolescente Juno Mac Guff, uma jovem de classe média, branca, norte-americana, que ao descobrir-se grávida aos 16 anos de idade encara esta situação com inquietante maturidade. Ela tenta interromper a gravidez, mas é dissuadida de fazê-lo. Juno decide então entregar o filho para a adoção. Fugindo de visões mais tradicionalistas sobre o tema, Juno é considerado um filme surpreendente por revelar a pluralidade de escolhas e posturas existentes diante do evento da gravidez na adolescência. Contudo, o professor deve discutir as diferenças culturais e sociais entre o Brasil e os Estados Unidos, país onde há muitos anos possui política de incentivo de adoção.

Uma palavra final, professor/a. Mas só para lembrar que o trabalho continua...

Bem, o assunto não está esgotado. Ao contrário, muito ainda há para pensar, sensibilizar e, sobretudo, refletir sobre as possibilidades da escola contribuir efetivamente para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.

Nós, educadores/as, mais que nunca, somos peças-chave para o desenvolvimento de uma educação voltada para a cidadania, inclusiva, não-sexista, não-racista e não homofóbica capaz de tecer a vivência de uma sexualidade consciente de rapazes e moças, fortalecendo o respeito ao/a parceiro/a, valorizando os direitos humanos.

A ação que realizamos, só se configurará de fato construtivista, a medida que possa contribuir para a reflexão de nossas percepções e sensibilidades, levando-nos a testemunhar e propiciar aos jovens a construção de autonomia e cidadania, bem como de comportamentos e valores de respeito ao próximo.

Um grande abraço!

A equipe

Bibliografia sugerida

ALMEIDA, Maria da Conceição C.; AQUINO, Estela M.L.; BARROS, Antoniel Pineiro de. Trajetória escolar e gravidez na adolescência entre jovens de três capitais brasileiras. *Cad. Saúde Pública*, jul. 2006, vol.22, no.7, p.1397-1409.

Aquino, Estela M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad. Saúde Pública*, 2003, vol.19, suppl.2, p.S377-S388.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BRANDÃO, Elaine. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: Heilborn, M. L. (Org.) *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 63-86.

..... Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: Almeida, M. I. M.; Eugênio, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.79-91.

CABRAL, Cristiane S. Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, 2003, vol.19, suppl.2, p.S283-S292.

CABRAL, Cristiane S. Gravidez na adolescência: negociações na família. In: Heilborn et al. (orgs.) *Sexualidade, Família e Éthos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. pp.87-110.

COSTA, T. J. N. M. A maternidade em menores de 15 anos em Juiz de Fora (MG): uma abordagem socioantropológica. *Praia Vermelha. Estudos de Política e Teoria Social*, n.7, segundo semestre, p. 154-183, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza (org). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

..... (org). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: Madeira, Felícia R. (org.) *Quem mandou nascer*

mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p.291-342.

HEILBORN, Maria Luiza e Equipe GRAVAD. "União Precoces, Juventude e Experimentação da Sexualidade". In: Heilborn et al. (orgs.) *Sexualidade, Família e Éthos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. pp.39-51.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M.L; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva. *O Aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

LEVI, Giovanni; SCHIMIDT, Jean-Claude. (Org.). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEAD, Margaret. *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*. (Barcelona: Editorial Laia, 1975).

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.) *Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PEREIRA, Maria Elisabete; ROHDEN, Fabíola et al. *Gênero e diversidade na escola: formação de professores/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Brasília/Rio de Janeiro: SPM/CEPESC, 2007.

SARTORI, Ari José e Britto Néli, Suzana. (orgs.) *Gênero na educação: espaço para a diversidade*. Florianópolis, editora Genus, 2004

SCHUMA, S.; VITAL BRAZIL, E. (Orgs.) *Dicionário Mulheres do Brasil. De 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). *Ciência hoje na escola, volume 11. Sexualidade: corpo, desejo e cultura*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: SBPC, 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado - pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 37-82.

Sites indicados para consulta e busca de material educativo

www.gtpos.org.br :: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) Presta assessoria a escolas na formação de educadores/as sobre o tema da sexualidade

MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS, DIREITOS REPRODUTIVOS, GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

www.agentesecuida.rj.gov.br :: A gente se cuida. Secretaria do Estado do Rio de Janeiro

www.ccr.org.br :: Comissão de Cidadania e Reprodução

www.reprolatina.org.br :: ONG Reprolatina. Soluções em saúde sexual e reprodutiva

www.saudevidaonline.com.br/metodo.htm :: Site com informações sobre métodos anticoncepcionais.

www.gineco.com.br/anticon.htm :: Site com informações sobre métodos anticoncepcionais e gravidez na adolescência

www.reprodusite.hpg.ig.com.br/metodos.htm :: Informação sobre saúde reprodutiva métodos anticoncepcionais

www.hiphopdsdr.org.br :: Informação sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos

> continua...

DST/AIDS

www.aids.gov.br :: Programa Nacional em DST/Aids

www.abiaids.org.br :: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

www.abcd aids.com.br :: Site com informação sobre Aids para crianças e jovens

www.dstbrasil.org.br :: Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis

www.vivacazuza.org.br :: Sociedade Viva Casuza

www.saude.rj.gov.br/dst aids :: Assessoria de DST/Aids da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro

www.pelavidda.org.br :: Grupo Pela Vidda ONG/Aids

SEXUALIDADE, GÊNERO, DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS, MÉTODOS CONTRACEPTIVOS, DST/AIDS

www.redeh.org.br :: Rede de Desenvolvimento Humano

<http://www.ecos.org.br> :: ECOS - Comunicação em Sexualidade

<http://www.ufpe.br/papai> :: Instituto Papai ONG

<http://www3.bireme.br/bvs/adolesc/> :: Biblioteca Virtual em Saúde

www.clam.org.br :: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

www.promundo.org.br :: Instituto Pro-Mundo

www.fundabrinq.org.br :: Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente

<http://portal.saude.gov.br/saude> :: Portal do Ministério da Saúde

www.soscorpo.org.br :: Grupo SOS Corpo ONG

www.cfemea.org.br :: Centro Feminista de Estudos e Assessoria

www.cemina.org.br :: Comunicação, Educação e Informação em Gênero

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL - IMS
PROGRAMA EM GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE
CENTRO LATINO AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS - CLAM

Endereço: R. São Francisco Xavier, 524 - Pavilhão João Lyra Filho, 6º andar, Bl. E
CEP:20550-013 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - tel: (21)2568-0599
E-mail: sexgen@uerj.br
Site: www.clam.org.br

REDEH - REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
Endereço: Rua Álvaro Alvim, 21/16º andar - Centro - CEP 20031-010
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Tel.: 55-21-2262-1704
E-mail: redeh@redeh.org.br
Site: www.redeh.org.br